

3 MAY 27
1960

Kruschiov

"A União Soviética estaria, também, disposta a participar, em conjunto com outras potências, da ajuda econômica aos chamados países subdesenvolvidos, por meio da utilização de parte dos recursos que se formariam na União Soviética e em outros países se fosse celebrado um acordo internacional de desarmamento e de redução dos orçamentos militares. Já declaramos nossa disposição em assumir esse compromisso, e estou credenciado pelo meu governo a reafirmá-lo da tribuna da Assembleia Geral. (Do discurso de Kruschiov na Assembleia Geral da ONU, em 18 de setembro de 1959).



DESARMAMENTO PARA COMBATER A MISÉRIA

Láfer



"É realmente incompreensível que somas astronômicas sejam gastas em armamentos que se destroem constantemente porque ficam obsoletos, enquanto centenas de milhões de homens em todos os quadrantes da terra, se encontram na miséria, porque seus governos não têm recursos para atendê-los nas suas necessidades básicas, como saúde e alimentação. Não podemos, pois, deixar de aplaudir esse movimento que se esboça no seio das Nações Unidas". (Entrevista de Láfer ao "Diário de Notícias" — 20 de setembro de 1959)

EM RIO BRANCO:

Avião Americano Apreendido Com Contrabando De Monazita (10.ª Página)

HISTÓRIA DAS Ligas Camponesas DE PERNAMBUCO (Reportagem de CLODOMIR MORAIS na 7.ª página)



ANO I — Rio, Semana de 25-9 a 1 de Outubro de 1959 — N.º 31

NOVOS RUMOS

REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

5.000 Marítimos Defendem a Indústria Da Construção Naval

(Leia na 10.ª página)

APÉLO DE DEPUTADOS BRASILEIROS

A Eisenhower E Kruschiov

Dezenas de deputados de todos os partidos dirigiram a Kruschiov e Eisenhower, ora realizando conversações na capital dos Estados Unidos, um apelo sugerindo que do encontro entre os dois chefes de Estado sejam assumidos compromissos concretos em favor dos povos. É o seguinte o texto do apelo:

- «Sr. Dwight Eisenhower e Sr. N. S. Kruschiov: Interpretando os sentimentos de milhares de brasileiros, dirigimos a V. Exas. o presente apelo, para que seja eficientemente aproveitado este momento histórico do encontro dos Chefes de Estado das duas maiores nações da terra.
- O mundo inteiro espera que dessa visita resultem compromissos concretos para:
- 1.º — a interdição definitiva de experiências e fabrico de bombas atômicas;
 - 2.º — a abolição de pactos militares regionais, notadamente a renúncia às cláusulas, que proíbem o livre comércio dos países aliados de uma potência com outras potências ou com seus aliados;
 - 3.º — garantia do livre acesso às fontes da ciência, ela deve ser colocada a serviço do bem-estar da Humanidade; devem ser suprimidas as interferências na radiofonia, bem como as restrições às viagens dos cidadãos de um país a outro;
 - 4.º — a solução do problema de Berlim;
 - 5.º — a admissão da República Popular da China à ONU, outorgando-se e impondo-se os deveres desse organismo de paz, ao quinto restante da população do mundo;
 - 6.º — o empenho conjugado dos E.U.A. e da U.R.S.S. para obter a independência da Argélia, Nova Guiné e de todos os povos da América, da África e da Ásia, submetidos a regime colonial;
 - 7.º — cumprimento dos acordos de Genebra, para os povos da Ásia;
 - 8.º — instituição de um fundo econômico e financeiro, mediante contribuições dos E.U.A. e da U.R.S.S., para ajuda desinteressada, sem vinculações políticas, aos países subdesenvolvidos, com o fim de eliminar a miséria, a enfermidade e o analfabetismo, vergonhas da civilização contemporânea.
- Além destas, outras formas de extinguir os atritos e as causas da inquietação e da guerra devem ser aproveitadas, nesta oportunidade única que se apresenta para a consolidação da paz. A Humanidade seria por muitos séculos agradecida aos dois Chefes de Estado, e, com ela, os brasileiros que esta mensagem subscrevem e que enviam as mais calorosas saudações.
- Rio de Janeiro, em 16 de setembro de 1959.
Celso Brant — Breno D. Silveira — Doutor de Andrade — Antônio Baby — Waldir Pires — Jacob Frantz — Floriano Paixão — Temperani Pereira — José Sarney — Ramon de Oliveira Neto — Fernando Santana
(Conclui na 10.ª página)



KRUSCHIOV PROPOZ:

- 1 Exércitos, forças aéreas e marinhas de guerra deixarão de existir.
- 2 Os Estados maiores e os Ministérios da Guerra serão extintos.
- 3 As Academias Militares serão fechadas.
- 4 Dezenas de milhões de homens — que são hoje uma força improdutivo — serão incorporados ao trabalho criador.
- 5 Serão liquidadas as bases militares em terras estrangeiras.
- 6 Todas as bombas atômicas e de hidrogênio à disposição dos Estados serão destruídas e proibida sua produção ulterior.
- 7 A energia dos materiais fissíveis (atômica ou nuclear) será utilizada exclusivamente para fins pacíficos: econômicos e científicos.
- 8 Os foguetes militares teleguiados, de todos os alcances, serão destruídos, restando apenas os foguetes a serem usados como meios de transporte e de exploração dos espaços siderais.
- 9 Os Estados terão à sua disposição unicamente forças de polícia (ou milícia) para manutenção da ordem interna, em níveis estabelecidos de comum acordo para cada país. Essas forças contarão com armas curtas e destinar-se-ão apenas à proteção da segurança dos cidadãos.

Importante discurso do Primeiro-Ministro soviético sobre o desarmamento universal foi pronunciado na Organização das Nações Unidas três dias depois de sua chegada aos Estados Unidos.

Era enorme a expectativa. Dias antes, as agências telegráficas americanas faziam conjecturas sobre que "surpresa" apresentaria Kruschiov.

Não era uma surpresa: Kruschiov traduzia em seu discurso um profundo anseio dos povos de todos os países: o desarmamento geral e completo, como a melhor garantia de manter-se a paz no mundo.

«A ONU — disse Kruschiov — ainda não atingiu os objetivos que se fixou. O Mundo, que ainda não esqueceu as devastações da última guerra, vê pesar sobre ele a sombra de uma nova guerra».

«Nenhuma diferença social, política, ideológica ou religiosa — acrescentou Kruschiov — deveria impedir que os países membros da ONU se ponham de acordo num ponto essencial: a observância por todos os Estados dos princípios da coexistência pacífica e das relações amistosas entre as nações, como uma causa permanente e sagrada. No século XX é impossível emprender cruzadas, como as dos fanáticos da Idade Média que pretendiam aniquilar os hereges a ferro e fogo, sem correr o risco de colocar a humanidade ante a maior catástrofe de sua história».

A GUERRA FRIA

Kruschiov fez um apelo aos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França para que reconsi-

— Nas relações soviético-americanas o gôlo começou a fundir-se, e com isto nos regozijamos sinceramente.

Acrescentou que a troca de visitas, agora iniciada, entre os chefes de governo dos Estados Unidos e da União Soviética pode ser uma fase decisiva dos acontecimentos que assegurariam uma melhora das relações soviético-americanas. Frisou acreditar que o presidente Eisenhower deseja contribuir para eliminar a tensão nas relações internacionais. E externou suas esperanças de que os próximos encontros e negociações abriam caminho para pôr termo à guerra fria — «com a condição, é claro, de que haja dejeção mútua de alcançar este objetivo».

O FIM DO COLONIALISMO

Kruschiov salientou em seu discurso na ONU como um dos mais notáveis acontecimentos contemporâneos o desmoronamento do moribundo sistema do colonialismo e saudou os feitos daqueles que elevaram a cabo a luta pela independência da Índia, Indonésia, República Árabe Unida, Iraque, Gâmbia e outras nações».

AJUDA AOS PAISES SUBDESENVOLVIDOS

O Primeiro-Ministro soviético dedicou parte de seu discurso à política do governo soviético nos programas de assistência econômica nos países subdesenvolvidos. Disse a este respeito que a União Soviética está disposta a auxiliar, juntamente com outras potências, os países subdesenvolvidos, utilizando parte dos

recursos liberados pela conclusão de um acordo internacional que conduza ao desarmamento e à redução dos orçamentos militares.

«Em nossa opinião — acrescentou — existe outra fonte de rendas que deveria ser largamente utilizada para propiciar ajuda aos países subdesenvolvidos: os povos de um grande número desses países conquistaram sua independência política, mas continuam cruelmente explorados economicamente por estrangeiros. Seu petróleo e outros recursos naturais são pilhados, arrancados de seus países, por assim dizer, sem compensação, e proporcionam lucros fabulosos a exploradores estrangeiros. Como os representantes de muitos outros países, achamos que na questão da ajuda econômica é preciso que não sejam colocados no mesmo plano aqueles que não participam nem jamais participaram da exploração de antigos países coloniais e aqueles que, sem escrúpulos, continuam a pilhar as riquezas naturais dos países subdesenvolvidos. Seria justo que os exploradores estrangeiros restituíssem ao menos uma parte das riquezas que acumularam através da opressão».

O NECESSÁRIO CONTROLE

Kruschiov expôs a seguir a posição da URSS quanto a um dos mais debatidos aspectos desta questão: o controle do desarmamento. Propôs ele a criação de um organismo internacional de controle do desarmamento com a participação de todos os Estados. Esse organismo deveria elaborar um sistema de controle de todas as medidas de desarmamento, funcionando de acordo com as fases do desarmamento.

«Com a aplicação deste programa soviético de desarmamento — salientou o Presidente do Conselho de Ministros da URSS — todos os problemas seriam resolvidos pacificamente. Mas somos políticos realistas e compreendemos que para levar a bom termo esse programa será preciso tempo e trabalho».

Trata-se — acrescentou — de um desarmamento geral e completo, que eliminará as barreiras que foram erguidas quando do exame das questões do desarmamento parcial e que abrirá o caminho para o estabelecimento de um controle de conjunto e completo.

«Mas — acrescentou Kruschiov — a so-

150 MILHÕES DE CASAS

Lembrou Kruschiov em seu discurso pelo desarmamento, na ONU, que somente as despesas efetuadas pelos Estados Unidos na última década seriam suficientes para construir casas para 150 milhões de famílias, 150 milhões de casas ou apartamentos.

Segundo os próprios dados oficiais, a militarização da vida nos Estados Unidos atingiu tais proporções que se vão tornando insuportáveis, mesmo para o povo americano, os gastos com o armamentismo. E esses gastos crescem dia a dia. O orçamento militar dos Estados Unidos representava, no ano fiscal de 1913-1914, 3,5 (três e meio) dólares por pessoa e por ano; em 1954-55 já atingia a 250 dólares por pessoa e por ano. E continua a aumentar sempre. Para o ano fiscal passado (1958-59) os Estados Unidos despenderam 45 bilhões e 800 milhões de dólares com as forças armadas e armamentos.

OS PAISES DA NATO — Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália e outros países que formaram o pacto militar do Atlântico Norte, gastaram para fins de guerra, no último decênio, mais de 500 bilhões de dólares. E anualmente esses países despendem cerca de 60 bilhões de dólares com objetivos militares.

DESARMAMENTO

para todos os seus esforços à adoção das medidas necessárias para pôr fim à guerra fria.

A este respeito, lembrou um dos principais focos da guerra fria: Berlim. Referiu-se ao fato de não ter sido até agora concluído o Tratado de Paz com a Alemanha, mais de 13 anos depois de terminada a guerra. E, devido a isso, no coração da Alemanha, em Berlim ocidental, existem em pleno centro da Europa grupos armados em campos adversos.

A manutenção dessa cidade de um regime de ocupação em seus setores ocidentais — acrescentou Kruschiov — constitui fonte de tensão, cuja eliminação poderia ser a chave para a melhoria de todo o ambiente internacional.

O chefe do governo soviético fez também um apelo em favor da admissão da China na ONU, como um dos meios de acabar com a guerra fria. Por que — perguntou — está a China representada na ONU pelo cadáver da China reacionária. Isto é, pela camarilha de Chiang Kai-shek?

Taiwan (Formosa) — prosseguiu — não é de forma alguma a China. Taiwan é parte integrante do Estado soberano da China e essa ilha será reunificada à China. Quanto mais cedo isto acontecer, melhor. Para que a ONU possa cumprir suas numerosas tarefas — sublinhou Kruschiov — ela deve desembaraçar-se das cadeias da guerra fria que lhe entravam os movimentos. A não admissão da China Popular é uma dessas cadeias.

URSS-EUA

Kruschiov dedicou parte de seu discurso às relações entre as duas maiores potências de nossos dias: os Estados Unidos e a União Soviética. Destacou a importância das relações soviético-americanas para o conjunto das relações internacionais. E disse:

recursos liberados pela conclusão de um acordo internacional que conduza ao desarmamento e à redução dos orçamentos militares.

«Em nossa opinião — acrescentou — existe outra fonte de rendas que deveria ser largamente utilizada para propiciar ajuda aos países subdesenvolvidos: os povos de um grande número desses países conquistaram sua independência política, mas continuam cruelmente explorados economicamente por estrangeiros. Seu petróleo e outros recursos naturais são pilhados, arrancados de seus países, por assim dizer, sem compensação, e proporcionam lucros fabulosos a exploradores estrangeiros. Como os representantes de muitos outros países, achamos que na questão da ajuda econômica é preciso que não sejam colocados no mesmo plano aqueles que não participam nem jamais participaram da exploração de antigos países coloniais e aqueles que, sem escrúpulos, continuam a pilhar as riquezas naturais dos países subdesenvolvidos. Seria justo que os exploradores estrangeiros restituíssem ao menos uma parte das riquezas que acumularam através da opressão».

O DESARMAMENTO GERAL

A passagem que causou sensação do discurso de Kruschiov foi a referente ao desarmamento. Disse ele:

— A União Soviética apresenta hoje propostas muito importantes sobre o problema do desarmamento. Preconiza um desarmamento geral: num prazo de quatro anos todos os Estados devem efetuar o desarmamento completo, suprimindo todos os meios de fazer a guerra.

Segundo Kruschiov, dentro desse prazo seriam desmobilizadas todas as forças armadas de terra, mar e ar, liquidadas as bases militares, destruídas as bombas atômicas ou de hidrogênio existentes, fechadas as escolas mil-

verno soviético está convencido de que a elaboração de um programa de desarmamento geral e completo não deveria retardar a solução de um problema tão agudo e inteiramente amadurecido como o da cessação definitiva das experiências nucleares. Existem todas as condições para a sua solução. Esperamos que um acordo adequado para a cessação das experiências seja concluído e aplicado sem demoras.

Kruschiov expôs detalhadamente os benefícios que a humanidade inteira usufruiria da execução de um programa de desarmamento geral e completo. E neste sentido, em nome do governo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, apresentou à ONU uma declaração sobre o desarmamento geral e completo, compreendendo as propostas concretas a respeito.

ALTERNATIVA

Na Declaração submetida à ONU em nome da URSS, Kruschiov diz que se as potências ocidentais não estiverem dispostas a aceitar o desarmamento geral e completo, o governo soviético, de sua parte, está disposto a concluir um acordo com outras nações. Esse acordo visaria as medidas parciais seguintes:

- 1) Estabelecimento de uma zona de controle e inspeção das tropas estrangeiras em territórios dos países da Europa Ocidental;
- 2) Estabelecimento de uma zona desarmada no centro da Europa;
- 3) Retirada de todas as forças estrangeiras dos países europeus e liquidação das bases em territórios estrangeiros;
- 4) Conclusão de um pacto de não agressão entre a Organização do Atlântico Norte (OTAN) e os Estados membros do Tratado de Varsóvia;
- 5) Conclusão de um acordo para prevenir qualquer ataque de surpresa de um Estado contra outro.

“NÃO FOMOS MAUS ALUNOS” “A Melhor Esperança Para o Mundo”

Os diálogos de Khrushchiov com diversas pessoas dos Estados Unidos têm merecido um lugar de destaque na imprensa de todo o mundo. Kruschiov notabilizou-se pela sua franqueza e pela agilidade de seu raciocínio, suas respostas prontas e cheias de vivacidade.

Vejamos este diálogo com um dos magnatas do cinema norte-americano, Spyros Skouras, nos estúdios da Century Fox, em Los Angeles.

Quando discursava saudando Kruschiov, num almoço, Skouras disse que era necessário um maior intercâmbio de filmes entre os Estados Unidos e a União Soviética. Kruschiov interrompeu o orador para apertar-lhe a mão em sinal de plena concordância.

Skouras lembrou, a seguir, ter chegado aos Estados Unidos como um pobre imigrante.

Ao discursar depois, Kruschiov recordou, por sua vez, ter começado a trabalhar sob o regime czarista, ainda menino. Foi pastor até a idade de 15 anos, cuidando das vacas de um agricultor capitalista (Kulak).

— Depois, estive na fábrica de um alemão, para depois ir trabalhar num laboratório de produtos químicos de um belga. Entretanto, agora sou o Primeiro-Ministro do grande Estado soviético.

Skouras perguntou:

— Quantos Primeiros-Ministros há na Rússia?

Kruschiov: — Quantos Presidentes têm os Estados Unidos? Mas vou dar-lhe outra resposta. Temos um Primeiro Ministro do governo central e como temos 15 Repúblicas, temos 15 Primeiros-Ministros. Isto é suficiente para o senhor?

— Então os senhores têm um monopólio — observou pilhérico o magnata do cinema.

Kruschiov: — Mas um monopólio do povo, onde a única coisa que me pertence são as calças que uso...

Prosseguindo seu discurso, disse Kruschiov:

— Nós aprendemos com vocês e vocês deveriam ter orgulho de seus alunos. Quando vocês nos ajudaram a construir nossa primeira fábrica de automóveis, tropeçamos com dificuldades, desconhecíamos muitas máquinas, até que aprendemos a usá-las. Mas agora os alunos de ontem enviaram um foguete à Lua. Não fomos mais alunos...

O PC FRANCÊS E A ARGÉLIA

De Gaulle Fecha a Porta A Uma Paz Negociada

A 16 de setembro, o general De Gaulle, através do rádio e da televisão, fez sua anunciada proposta sobre a Argélia.

Como se sabe, o problema da guerra colonial francesa na Argélia vai ser debatido na atual sessão da Assembleia Geral da ONU. O governo francês se encontra internacionalmente num beco sem saída: contra aquela guerra estão todos os povos árabes, os países do campo socialista, a simpatia de todos os povos amantes da paz. Ao lado de De Gaulle se encontram apenas os imperialistas. Interessados em manter na opressão os povos da África que lutam pela independência nacional.

Em sua declaração, De Gaulle tentou manobrar uma vez mais para evitar a condenação da ONU. Sugeriu — sem oferecer qualquer garantia — conceder a autodeterminação à Argélia dentro de qua-

tro anos a partir da cessação da guerra colonial.

Mas, as tropas do exército francês, os "ultras" representantes das "200 Famílias" continuam fazendo a guerra contra os argelinos para tentar submetê-los a ferro e fogo. De Gaulle quer de fato a capitulação dos argelinos. Este é o objetivo de sua proposta.

No mesmo dia em que De Gaulle fazia sua declaração, o Secretário do Partido Comunista Francês, Jacques Duclos, através do Rádio "Europa n.º 1" repeliu a proposta de De Gaulle, nos seguintes termos:

«Em sua declaração sobre a Argélia, o general De Gaulle falou, uma vez mais, da consecução da pacificação, que ele pensa deve ser de longa duração. Isto não significa senão a continuação da guerra. Após a recusa categórica de toda negociação po-

lítica com os argelinos, contra os quais se bate, o general De Gaulle fecha a porta à conclusão de uma paz negociada.

Quanto à importância atribuída às futuras eleições na Argélia, sublinha implicitamente que as anteriores consultas não exprimiram a vontade real do povo argelino.

A promessa de autodeterminação, dentro de quatro anos depois do fim da guerra, da qual ele não vê saída, surge simplesmente como uma manobra destinada a ganhar tempo, a enganar a ONU e a tentar obter através de astúcia, da confusão e da corrupção o que não pôde ser imposto pela força.

Mais do que nunca, o interesse da França e o respeito aos direitos dos povos à autodeterminação exigem que a paz seja restabelecida urgentemente por meio de negociações com o governo provisório da República argelina».

Na Europa, onde os povos são mais sensíveis ao perigo de uma guerra — pois já sofreram, mais que outros povos, as consequências terríveis de duas conflagrações mundiais — o discurso de Kruschiev na ONU em favor do desarmamento total foi recebido com aplausos, com raras exceções.

HUGH GAITSKELL, líder do poderoso Partido Trabalhista da Grã-Bretanha, declarou:

— Nada seria pior do que dizer que essas palavras são apenas propaganda. Se o sr. Kruschiov está disposto a aceitar uma adequada inspeção e controle, será uma coisa formidável e a melhor esperança para o mundo. Mas, por favor, aceitemos sua palavra. Não devemos perder a oportunidade... Afinal de contas, a supressão de todos os armamentos é, por certo, o que todos queremos...

APOIO DE NASSER — O Presidente da República Árabe Unida, Gammal Abdel Nasser, disse que o plano de desarmamento proposto por Kruschiov na ONU é o melhor meio de elevar o nível de vida médio da humanidade. Disse Nasser num comício na cidade de Rosetta, no norte do Egito: «Que o diabinho que as grandes potências gastam em armas seja distribuído entre os países subdesenvolvidos. É uma vergonha que no século XX, haja seres humanos que morrem de fome».

Há também, naturalmente, comentários negativos. São em geral daqueles políticos reacionários que depositam

esperanças numa guerra mundial para deter a marcha do socialismo no mundo. É o caso, por exemplo, de Salazar. O órgão de imprensa que é seu porta-voz, o "Diário da Manhã", jornal clerical-fascista, atacou a proposta de Kruschiov, repetindo o slogan da reação dos Estados Unidos: "propaganda". Esta, é claro, não é a opinião do povo português, que sofre na própria carne, na miséria em que vive, as consequências da política de Salazar como aliado do Pacto de guerra do Atlântico Norte.

NOVOS RUMOS

Director — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragmoa Borges

REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Motta Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini.

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, S/1712
— Tel: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, S/903
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS
Anual Cr\$ 250,00
Semestral .. " 130,00
Trimestral .. " 70,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte
N.º avulso .. Cr\$ 5,00
N.º atrasado .. " 8,00

A Propósito Do Parlamentarismo

O Fundamental é: Consolidar a Unidade Das Forças Naciona listas

O encerramento da discussão, pela Câmara, da emenda parlamentarista e o movimento surgido entre numerosos deputados no sentido de se já fixada a data para a sua votação, levaram a que, nos últimos dias, o interesse em torno do problema, que era até então mais ou menos acadêmico, adquirisse uma acentuada significação política. Durante alguns dias, chegou a ser este o assunto para o qual convergiram as atenções das diferentes forças políticas. Nas últimas horas, contudo, decresceu visivelmente o entusiasmo com que dezenas de deputados, na semana anterior, pareciam estar dispostos a levar à vitória esta emenda constitucional.

Quanto aos comunistas, é conhecida, desde a Assembléia Constituinte, a sua posição favorável à adoção do parlamentarismo no Brasil. Permitindo uma participação mais direta e ativa do povo, através de seus representantes no Legislativo, na direção da vida política do país, o parlamentarismo é um sistema de Governo que apresenta um caráter consideravelmente mais democrático que o presidencialismo. Muitos males decorrentes da hipertrofia do Poder Executivo poderiam ser assim contidos ou remediados através de uma ação mais eficaz do Congresso.

Entretanto, a realidade política do país está indicando que a decisão em torno do parlamentarismo neste momento não constitui um problema que se possa considerar de importância fundamental e inadiável. Há questões mais candentes a enfrentar e resolver. E nenhuma mais importante do que assegurar a continuidade do processo democrático de modo a que, nas próximas eleições presidenciais, mantida a unidade das forças nacionalistas e democráticas, o povo brasileiro possa derrotar as forças entreguistas e reacionárias, agrupadas em torno da candidatura de Jânio Quadros. A ameaça da candidatura pré-imperialista do ex-governador de São Paulo é muito mais grave do que todos os inconvenientes que possam advir da permanência por mais algum tempo da forma presidencialista de governo.

A decisão acerca de uma mudança do sistema político deve estar, portanto, subordinada a esta condição básica: não afetar, não enfraquecer a unidade das forças nacionalistas e democráticas, que tendem a se agrupar, para o embate eleitoral de 1960, em torno da candidatura do marechal

Lott. A aprovação da discutida emenda constitucional só seria aceitável se nisto concordassem todas as forças patrióticas e populares. Desde, porém, que essa emenda possa criar áreas de atrito, suscitar novas contradições e debilitar a unidade dessas forças, o mais justo é que se afaste, por enquanto, esse fator de divisão e enfraquecimento. Os trabalhadores e o povo, os setores nacionalistas e democráticos só podem aplaudir e emprestar o seu entusiástico apoio, nesta conjuntura, àqueles iniciativas que contribuam efetivamente para consolidar e fazer avançar a unidade das forças que lutam pela emancipação nacional, pelo progresso independente do país, pela legalidade democrática.

Por isso mesmo é que consideramos, neste momento, como fundamental e inadiável, a mudança de rumos pelo Governo do sr. Juscelino Kubitschek. E de todo evidente que para assegurar a vitória do marechal Teixeira Lott no pleito de 1960, não bastam as declarações formais de apoio das forças situacionistas nem os entendimentos de cúpula.

Final, é o povo quem vai decidir o resultado das eleições. E este povo o que vem encontrando do Governo é uma vida cada dia mais difícil — resultado, antes de tudo, de uma política em que vêm se repelindo as concessões aos imperialistas norte-americanos e se caracteriza pela resistência em seguir uma orientação que corresponda aos justos anseios das grandes massas do povo.

E' a mudança de política do Governo — através de medidas urgentes e sérias em favor do povo e da emancipação nacional — o elemento que, acima de qualquer outro, pode e deve contribuir para fortalecer a unidade das forças nacionalistas e democráticas e, desta maneira, para garantir a vitória da candidatura que se opõe à conjura entreguista de Jânio Quadros, Carlos Lacerda e conhecidas forças reacionárias de São Paulo.

Este deve ser, pois, o objetivo central de todos os verdadeiros nacionalistas e democratas: lutar no sentido de que o Governo do sr. Juscelino Kubitschek adote em sua política uma diretriz firmemente nacionalista e democrática, estabeleça relações com a URSS, tome medidas práticas contra a carestia da vida, facilite o atendimento de reivindicações salariais dos trabalhadores, aplique medidas de reforma agrária e assegure as liberdades democráticas.

JÂNIO CHEGOU: AGITA-SE O CLUBE DA LANTERNA

ENTREGUISTA CONFESSO

Das declarações feitas pelo sr. Quadros, tanto ao desembarcar como mais tarde, na televisão carioca, resulta a confissão de ter se colado



de contínuo contra as forças nacionais que, a 11 de novembro de 1955, se mobilizaram para impedir a desflagração do golpe tramado pela Embaixada dos Estados Unidos com o Clube da Lanterna, visando impedir a posse dos candidatos eleitos pelo povo e perpetuar no Poder os agentes da Standard Oil.

Jânio confessa, com orgulho, ser um homem do 24 de agosto. E não é casual que, dirigindo-se ao sr. Carlos Luz ao desembarcar, tenha-o tratado por «meu presidente». Nisto, pelo menos, o sr. Quadros é coerente, pois a sua candidatura não constitui senão um prolongamento do putsch imperialista que levou ao suicídio o presidente Vargas.

FALSO NACIONALISTA

So esta atitude seria suficiente para desmascarar as

declarações de amor ao nacionalismo que o ex-governador de São Paulo vem repetindo, monótonamente, nas últimas semanas. Estranho nacionalismo este, de um golpista confesso do 24 de agosto, o putsch urdido pela Embaixada dos Estados Unidos!

Disse o sr. Quadros que é também (e de longa data) um partidário da Petrobrás, como se isto fosse tudo para definir a plataforma nacionalista de um candidato à Presidência da República. Antes de mais nada, há todos os motivos para não se acreditar na autenticidade destas declarações. Já foi amplamente provado que o ex-governador de São Paulo jurou que a liquidação da Petrobrás seria um de seus primeiros atos caso chegasse à Presidência da República. E, como para confirmar este compromisso, fez ainda há pouco, enquanto se achava na Europa, declarações categóricas de fidelidade a Nelson Rockefeller que, segundo as palavras do sr. Quadros, «conhece muito bem os nossos problemas, assim como nós conhecemos os seus».

Além do mais, observase a preocupação, que é dominante no ex-governador de São Paulo, de insistir em suas manobras divisionistas, apontando, como um político qualquer, infiltrações comunistas no movimento nacionalista. Esta é, como se sabe, a tática preferida dos monopólios estadunidenses: dividir as forças nacionalistas, à base de discriminações ideológicas, para enfraquecê-las e assim dificultar a ação unida dos patriotas na defesa da emancipação nacional.

Jânio já chegou, anunciavam alguns cartazes, conduzidos por grã-finos transvestidos de macacão e senhoras agitadas, na última segunda-feira, na Praça Mauá. E' bom que ele tenha chegado: assim mais facilmente se desmascarará o demagogo entreguista aos olhos do povo brasileiro.

1.ª Conferência da ULTAB

Realizou-se em São Paulo, nos dias 18, 19 e 20, a 1.ª Conferência da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil. Participaram do conclave representantes de 57 associações de camponeses e de 4 sindicatos rurais, em delegações do Estado do Rio, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Minas Gerais, Distrito Federal, Pernambuco e Ceará. Parlamentares, Poderes sindicais, dirigentes de entidades populares e estudantes prestigiaram a reunião, levando sua solidariedade e participando dos debates.

Em nosso próximo numero, publicaremos ampla reportagem sobre os trabalhos e deliberações da Conferência.



Política De Boa Vizinhança

Juraci Insiste Em Disputar Com Jânio

Acaba de chegar à Câmara um pedido de licença para a entrada no país de negociações necessárias ao funcionamento de um acordo comercial Brasil-China. O pedido foi assinado pelo deputado Waldir Pires sobre a exploração de riquezas do nosso solo. A riqueza, é claro, é nossa. A exploração é deles.

Discursou a respeito, des-

Prestes seguiu para a China

Com destino à Europa, de onde seguirá para Pequim, partiu ontem às 16 horas, em avião de «Air France», o ex-senador Luis Carlos Prestes. Prestes partiu para a capital chinesa, das festas comemorativas do 10.º aniversário da República Popular da China, do qual o Governo recebeu um convite especial, assim como outras personalidades dos círculos políticos e culturais do nosso país.

Segundo a informação que lhe foi concedida pelo juiz Nóbrega da Faria, Prestes deve voltar para o Brasil de três meses a seis meses. Para então se ocupar da visita comemorativa à China e o Partido Socialista.

Além de Prestes, o comunista seguiu também convidado pelo governo chinês os senadores Erico Veríssimo e José Geraldo Vieira, o jornalista João Ribeiro Dantas, diretor do «Diário de Notícias», o teólogo Guimarães Figueiredo, e o acadêmico João Manoel Corrêa, presidente da UNE.

se assunto, o sr. Waldir Pires, do PSD da Bahia, observou que o acordo foi firmado em 1948, com vigência de dez anos, irregularmente sem audiência do Legislativo, conforme determina, em tais casos, a Constituição. Por meio de nota enviada ao Congresso o Executivo prorrogou por mais dez anos a vigência do acordo. Agora a Câmara se pronunciou sobre a isenção dos materiais que os americanos desejam importar, sem pagar impostos, para continuar essa suspenso exploração de riquezas minerais brasileiras.

Embora filiado ao partido mais governista (o próprio partido a que pertence o sr. Kubitschek), o sr. Waldir Pires denunciou como irregular todo o procedimento do Executivo nessa questão e afirmou que o acordo, embora executado durante dez anos e prorrogado agora por mais dez anos, carece de legalização. Os correligionários do sr. Waldir Pires, bem como os opositoristas que na UDN exercem a eterna vigilância, ouviram a denúncia em atitude de soberba indiferença. Uns fumavam, outros pentavam os dentes, mas o discurso de representação apresentada foi pronunciado sem o menor dos indícios de interesse ou preocupação.

Em seguida, o sr. Waldir Pires, ao falar, através de seu intérprete, acerca da negociação, usou as palavras do sr. Waldir Pires: «Para não trazer nenhuma acolhida e o próprio presidente eleito pelo PSD provavelmente em função do voto não deve ter ouvido o sr. Waldir Pires. A cabeça do «Viscount» como se sabe, é viscosidade e às vezes mantém o demônio estadista desligado ao mesmo das nuvens».

O sr. Juraci Magalhães dirigiu uma carta ao deputado Magalhães Pinto, presidente da UDN, comunicando-lhe oficialmente e em tom de zanga, que está firmemente disposto a submeter o seu nome à Convenção udenista que vai decidir qual o candidato do partido à Presidência da República. Não admite o governador da Bahia que, sendo um membro da UDN e seu antigo presidente, seja preterido por um «estranho» ao partido que é, além do mais, abertamente hostil às organizações partidárias em geral.

Ao mesmo tempo, proceres udenistas que estiveram recentemente em Salvador com o governador da Bahia declararam que o sr. Juraci Magalhães, mesmo na hipótese de ver o seu nome rejeitado pela convenção da UDN, não ficará neutro no pleito, deixando-se de admitir que venha a apoiar o sr. Jânio Quadros.

PROFUNDIDADE DA CRISE

A atitude do sr. Juraci Magalhães confirma a profundidade da crise em que se debate a «eterna vigilância». Está longe de ser apenas uma crise de liderança, provocada pela renúncia teatral do sr. Carlos La-

cerda. A verdade é que os diretórios udenistas do Norte e do Nordeste, em geral, participam da posição do sr. Juraci Magalhães e, inclusive pela dificuldade em que se achariam de impor ao seu eleitorado um candidato representativo da mais alta plutocracia paulista no momento em-



que levantam a bandeira da «resistência do Nordeste», muito dificilmente marchariam com o sr. Jânio Quadros. Não é casual que nenhum líder udenista do Nordeste tenha até agora assumido o mais leve compromisso com a candidatura Quadros. Ao contrário, ainda recentemente, o governador Cid Sampaio, de Pernambuco, insistiu em esclarecer não estar subordinado a qualquer compro-

misso e mais ainda, ser de opinião que os líderes nordestinos devem, ao pronunciarem-se, ter em conta antes de tudo os interesses do desenvolvimento daquela região.

POSSIBILIDADE PRO-LOTT

Tem-se como quase certo que a decisão da convenção udenista, apesar dos esforços do sr. Juraci Magalhães e seus adeptos, será mesmo favorável ao sr. Jânio Quadros. Esta é a tendência para a qual se inclina, cada dia mais o presidente da UDN, sr. Magalhães Pinto, inclusive em função de sua candidatura ao governo de Minas Gerais.

Neste caso, admite-se que, considerando que uma terceira candidatura não teria possibilidades de vitória, o sr. Juraci Magalhães e, de modo geral, a UDN nortista tomariam posição favorável ao marechal Teixeira Lott, ainda que isto fosse feito sem grandes alarufes. Mais do que uma vingança contra a ala lacerdista — sentimento que nada tem de «realista» — a atitude do sr. Juraci Magalhães refletiria o desejo de conservar boas relações com o situacionismo federal e marchar com o candidato que, no final das contas, tenha mais probabilidade de vitória.

«Esta mais gozdo e mais corado para a campanha». Assim um jornal anunciou, em letras grandes, a chegada de Jânio Quadros e sua passagem rumo a Santos, num transatlântico italiano. Essa passagem foi movimentada e levou ao Cais do Porto tradicional lugar de trabalho, uma fauna exótica.

Com efeito, lá apareceram rapazes com pinta de agente bem, vestindo macacões novos e empunhando vassouras. Mas também foram à Praça Mauá janiistas à paisana: notícia-se que o inquirido sr. Fernando Ferrari, candidato a vice em disponibilidade, foi o segundo a se avistar com o herói da Volta do Mundo, ainda no ancoradouro, graças ao reboque que lhe deu a lanchar da Policia Maritima; só muito mais tarde Lacerda abraçaria o estadista louco, lá depois de atracado o navio.

Não se deve acreditar em bruxaria. Convém no entanto registrar, por causa das dúvidas, a presença ao desembarque do sr. Carlos de Lima Cavalcanti, que dá azar, da senhorita Eliane Gomes, irmã do Brigadeiro e campeã de Malogos eleitorais, bem como do sr. Carlos Luz, que a 11 de Novembro não demonstrou ter muita sorte. O único sujeito peludo (segundo o detetive Tenório Cavalcanti), presente ao ato de desembarque, foi o ex-seguro e ex-amigo fiel de Vargas, Napoleão de Almeida.

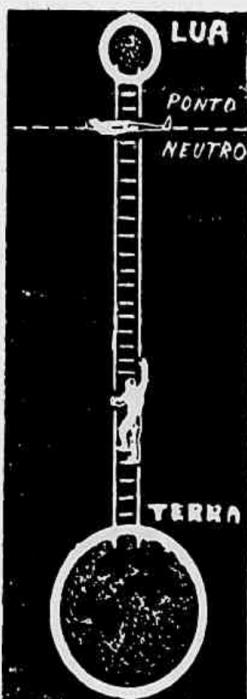
Jânio, além de gozdo e corado, vestia camisa esportiva. Ao descer do navio, seguindo informação radiofônica simpática ao entreguismo, sobre forte pirataria no pé e voltou mancando para bordo. Foi durante seu regresso que se deu a abordagem de gente dos jornais, rádios e estações de televisão, por várias escadas. Em meio a esse pessoal, um moço da TV, agitadoíssimo, depois de interromper, de cronômetro em punho, interminável relato do viajante sobre o que viu em Tóquio, Hong-Kong e Singapura, perguntou a Jânio o que ele achava da profecia de um astrólogo que previu suas eleições sucessivas para vereador, prefeito e governador e que também prevê sua ida para o governo federal e em seguida seu assassinato. Jânio, contrafeito, pediu que o repórter mudasse de assunto.

Mas estamos num barco italiano. A Itália é terra onde muitos poetas acreditam no sobrenatural. Em face da pergunta sinistra sobre o assassinato de Jânio, tutti si guardano intorno, sospettosi. Mesmo porque os equívocos sobre Jânio lá se estendem à Europa. Não vimos, em Lisboa, o «Diário de Notícias», órgão salazarista, apresentar Jânio, eglossamente, «chefe político de uma corrente nitidamente esquerdista», que no entanto «prestou em público homenagem ao presidente do Conselho português»?

Um grupo de cegos levou ao Cais, para homenagear o candidato-turista, a maior das vassouras que por lá apareceram. Contudo os pobres cegos são mesmo os que não querem ver.

O LUNIK HOA, POR HOA

DA TERRA 33 HORAS À LUA



DURANTE a maior parte de sua ascensão à Lua, o foguete estava submetido à atração da Terra; depois de ter atravessado uma «zona neutra», passou a ser atraído pela Lua. Aí está uma ilustração gráfica da proporção da atração pela Terra e, a seguir, pela Lua.

Como decorreu a viagem do foguete soviético da Terra à Lua? Houve controle permanente da sua ascensão até o nosso satélite natural?

Tratando-se, como foi realmente, de um feito histórico realizado pelo homem, vale a pena guardar as principais fases da subida do foguete soviético nas 33 horas que transcorreram desde seu lançamento até a chegada à Lua.

SABADO, 12 de setembro, às 8,45 (hora do Rio de Janeiro) a Rádio de Moscou anunciava o lançamento do foguete lunar n.º 2 (Lunik II, como está sendo conhecido no Ocidente). 15 minutos mais tarde, o foguete era assinalado a 78.000 quilômetros da Terra, acima de um ponto situado ao norte da Nova Guiné. 55 minutos depois da notícia do lançamento, isto é, às 9,40 (hora do Rio) um radiomador de Tachkent (Ásia Central soviética) captava pela primeira vez os sinais emitidos pelas emissoras do interior do foguete.

AS 10 HORAS o professor Tóptchiev, vice-presidente da Academia de Ciências da URSS, declarava que as informações recebidas de bordo do foguete confirmavam que o mesmo seguia normalmente a trajetória prevista.

UMA HOA DEPOIS o Lunik II havia percorrido 101.000 quilômetros.

AS 12 HORAS estava situado numa vertical ao Oceano Índico, a 78 graus e 6 minutos de longitude Leste e a 5 graus e 4 minutos de latitude Sul.

ALGUMAS HORAS MAIS TARDE, exatamente às 15 horas, 32 minutos e 42 segundos,

o Lunik emitia uma nuvem de sólio que, por sua extrema luminosidade (como se fosse um cometa artificial) podia ser fotografado da Terra.

AS 16 HORAS — 152 mil quilômetros tinham sido percorridos. Mas restavam ainda 200 mil quilômetros até atingir seu objetivo. Continuava a seguir a trajetória prevista pelos cientistas soviéticos.

AS 21,20 o foguete havia ultrapassado a zona de visibilidade dos postos de observação do território soviético. Haviam sido vencidos 200 mil quilômetros, isto é, aproximadamente metade da distância Terra-Lua. O foguete continuava a emitir informações de caráter científico, através das radiomissoras de bordo. (Essas informações vão ser divulgadas posteriormente, sendo possível que signifiquem mudanças enormes nas antigas concepções sobre os espaços interplanetários e sobre a própria Lua).

DOMINGO — As 3 horas as estações soviéticas retomavam contato com o foguete. Encontrava-se então sobre o Pacífico, a uma vertical da região das Ilhas Marquesas. Distava então 250 mil quilômetros da Terra e apenas a 120 mil quilômetros da Lua. Tudo continuava normal a bordo.

AS 5 HORAS o foguete transmitia informações sobre as radiações terrestres, o campo magnético, raios cósmicos, gases interplanetários, os micrometeoritos.

EM TODO O MUNDO os cientistas especializados continuavam a observar o vôo do foguete soviético. Seus sinais eram captados no Japão, em Londres, nos Estados Unidos.

AS 8,45 o foguete havia percorrido um pouco mais de 290.000 quilômetros. Encontrava-se a 80 mil quilômetros da Lua. Tudo bem.

AS 10,40 — O Lunik II se encontrava a apenas 60.000 quilômetros da Lua. Havia penetrado na zona de gravitação lunar. Sua velocidade, que era de 11,2 quilômetros por segundo no momento da partida da Terra, não era

mais que 2,31 km por segundo ao aproximar-se da Lua.

AS 12 HORAS o foguete estava a 322.000 km da Terra. Suas coordenadas eram então: 13 graus e 5 minutos de latitude sul e 95,5 de longitude Leste. As estações de telemetria soviéticas continuavam a receber normalmente as informações científicas emitidas de bordo.

AS 14 HORAS a rádio de Moscou anunciava que a alunissagem do foguete, prevista para 18 horas e 5 minutos (hora do Brasil) se verificaria talvez 4 minutos mais tarde.

AS 15 HORAS o Observatório de Bochum, na Alemanha, continuava a captar os sinais do Lunik II, mas os sinais eram bastante fracos já então.

AS 16 HORAS o radiotelescópio gigante de Jodrell Bank, na Inglaterra, começava a captar sinais do Lunik II. O professor Lovell, diretor do Observatório, informava que os sinais eram "muito nítidos".

AS 17 HORAS e 55 minutos continuava sua rota. Em todo o mundo se aguardava ansiosamente a informação de sua chegada à Lua, dando início a uma nova era na história do homem em relação aos espaços interplanetários.

AS 17 HORAS e 59 minutos, a uma velocidade de 10 mil quilômetros por hora, o Lunik está quase atingindo a Lua, da qual dista apenas 360 quilômetros.

AS 18 horas e 2 minutos cessavam de todo os sinais do Lunik.

Era a indicação da alunissagem. Tornava-se realidade o mais formidável feito científico e técnico jamais tentado pelo homem: o envio de um objeto da Terra a outro corpo celeste.

O MUNDO QUE EU VI

AINDA O CONGRESSO

EINEIDA

Ando contando para os amigos leitores, o que foi o Congresso de Escritores Soviéticos ao qual assisti. Hoje falarei do discurso de Kruschiov que encerrou os debates e o congresso. Inicialmente devo dizer que Nikita Kruschiov é um homem muito alegre. Um homem vulgar, dizem os inimigos do regime soviético. Vulgar? Mas então é um homem na acepção da palavra. Nem ele quer ser outra coisa. Um homem vulgar sente, vive, luta, sem querer ser parente de divindades, ou a própria divindade. Kruschiov é assim. Jamais esquecerei seu discurso. Falou durante duas horas, de improviso, contando casos, dizendo verdades sem ar messiânico. Disse que antigamente, quando era mineiro, lia muito: Tolstói, Gorki, Gogol, gostava de ler literatura. Mas hoje (repete várias vezes infelizmente) não tem mais tempo. «Leio tantos relatórios de ministros estrangeiros, devo saber a toda hora o que diz o Presidente dos E.U. e de todos os países. Preferia ler literatura, mas, sou obrigado, que queris? Asseguro que essa literatura é má e que muitas vezes, para não dormir lendo-a sou obrigado a dar-me beliscões. Brinca, mas diz verdades, como sobre certos livros que parecem escritos atrás de um portão: apela para a conciliação e afirma que todos os homens podem ser reeducados; a

maioria dos homens é apenas enganada, errada. Diz: «Não sou crítico, nem tenho pretensões a isso, mas não gosto dos escritores sem calor, os fleumáticos, frios, sem entusiasmos».

Aquêle homem baixinho, forte, sorridente, que agora mesmo, diante de New York, olhando-o do mais alto dos seus arranha-céus, disse — «Moscou é uma cidade muito bonita, aquele homem assistiu vários reuniões do Congresso de Escritores. Entrava, sentava no fundo da sala e ficava ouvindo os informes, assistindo as saudações dos delegados. Disse: «o governo soviético deu aos seus escritores tudo, menos o direito de escrever mal. Não apenas escrever mal, mas irreal e propôs que a crítica literária fosse mais séria, mais crítica. Pediu mais nos escritos: — «melhorai vossa arma, para que ela atire mais longe».

Terminou desculpando-se de ter dito talvez palavras pouco literárias, pediu aos poetas que cultivassem melhor a poesia e disse que na URSS ainda muitos jovens escritores diariamente. Entram para a União de Escritores, requerem logo um apartamento, querem morar em Moscou enquanto Shokolov continua escrevendo obras-primas sem sair de sua aldeia.

Um belo discurso, sem dúvida.

AUTORES BRASILEIROS NA URSS

Os meios culturais da União Soviética vêm dando atenção crescente à produção intelectual do Brasil. Editores soviéticos têm dado a conhecer ultimamente ao público trabalhos de autores brasileiros. Há algum tempo foi lançado em Moscou um volume de contos de autores brasileiros. Esse volume compreende contos de Machado de Assis («Pal contra Mãe», «Noite de Natal»), Monteiro Lobato («Negritão»), Lima Barreto («O homem que sabia javali»), Mário de Andrade e outros mestres do conto em nosso País. A tradução desses contos foi feita pela senhora Rodónova Palm.

Mais recentemente, assinando o cinquentenário do nascimento de Euclides da Cunha, foi lançado pela editoria soviética «Znânie» um opúsculo em que se estudia a obra e a personalidade do autor de «Os Sertões». O volume, intitula-se «Euclides da Cunha» e é de autoria de Nina Artachessova Terterian. A autora faz um breve histórico

do Brasil do século XIX e da época da formação intelectual de Euclides da Cunha, acentuando a influência da poesia revolucionária de Castro Alves sobre a juventude brasileira. Delém-se finalmente na guerra camponesa de Canudos e na obra em que Euclides perpetuou a bravura dos combatentes sertanejos. As outras fases da vida de Euclides da Cunha, como geógrafo e cartógrafo, e

demais trabalhos são igualmente dados a conhecer ao leitor soviético com grande simpatia da autora do estudo.

Regoziamo-nos em assinalar estes novos passos para uma mais estreita colaboração cultural entre o Brasil e a União Soviética, embora ainda através de esforços isolados, dada a existência de relações normais entre os nossos países.

TEATRO

“AS PROVAS DE AMOR”

Surgiu mais um grupo de teatro na cidade e mais uma casa de espetáculos se inaugurou. Referimo-nos ao grupo dos «DUENDES», dirigido pelo professor e teatrólogo João Bethencourt que estreou na semana passada no teatrinho da Igreja do Redentor, à Rua das Laranjeiras, 519. Teatrinho modesto, quase um galpão de aparência simpática e popular. Não sabemos os preços, mas deu-nos a impressão de que quando se tornar mais conhecido, será ponto de atração para os moradores do bairro, mesmo os de menos posses. A peça, de autoria do jovem diretor, João Bethencourt, bem urdida, bem ensaiada e muito bem dirigida, constituiu-se em duas horas de diversão agradável, divertida e bonita. Anteriormente encenada pelo T.B.C. (Teatro Brasileiro de Comédia) foi um verdadeiro fracasso em São Paulo, não tendo sido nem sequer trazida ao Rio. Desconhecemos as causas. Sabemos que o autor, informado, resolveu verificar pessoalmente, se sua peça «funcionava» ou não. Pode estar satisfeito: funciona perfeitamente. Sabemos também que, no decorrer dos ensaios ele a foi modificando, polindo, aperfeiçoando. Não sabemos se a isso se deve seu êxito atual ou ao fato da direção ser agora do próprio autor (em nosso entender, a pessoa sempre mais indicada a dirigir, ou pelo menos orientar, a direção do suas obras) ou ainda ao fato de que nessa nova encenação da peça havia interesse real em levá-la ao sucesso. Não só de parte do diretor-autor, como dos intérpretes, todos alunos de João Bethencourt. É notável o rendimento que a direção obteve desses jovens, alguns jamais haviam pisado um palco, outros com pouquíssima experiência. Os tipos estão muito bem compostos, compreendidos e realçados. Há um português, dono de restaurante, um corretor de seguros de vida, dois políticos nordestas (cada um falando com sotaque peculiar a uma região diferente) o cego e seu pequeno guia, o fotógrafo de praça, os policiais-especiais, o industrial com sua secretária feia e sem feminilidade, a empregada... Enfim, uma quantidade de tipos, com suas peculiaridades e características muito bem marcadas, girando em torno de dois casais de adolescentes enamorados e ingênuos, adoráveis em sua simplicidade (se alguém afirmou como diz o autor, tratar-se de geração coca-cola de Copacabana), esse alguém não estava em seu juízo. Dos quatro adolescentes, todos bons em seus papéis (não esquecer que são alunos amadores) deve-se destacar Hugo Mendes distraído e gago, e a sonhadora Lucrécia (Marisa Cembranelli) em um papel chelo de lirismo e poesia. A cenografia é de Napoleão Muniz Freire, o que dispensa comentários. Já podemos acreditar em nosso teatro. Exportamos duas companhias. Temos diversos artistas se destacando no estrangeiro. E ainda nos sobra bom teatro, com elencos numerosos, apresentando espetáculos de bom nível. E que seriam elogiados unanimemente pela crítica... se trouxessem um rótulo arrojado em idioma menos «batido» que o nosso...

ROTEIRO

No roteiro, continuamos recomendando os espetáculos já comentados aqui: as revistas «DE CABRAL A JK» e «O BRASIL É NOSSO» respectivamente nos teatros JOAO CAETANO e JARDEL, na Praça Tiradentes e no Pósto 5, em Copacabana. A «COMPADECIDA» de Ariano Suassuna, da empresa teatral do Aurimar Rocha, atualmente no auditório de «O GLOBO», em vista do Incêndio que destruiu parte do TEATRO DE BOLSÃO, o «ANJO DE PEDRA» no Teatro Ginástico, «AS PROVAS DE AMOR» no Teatro Redentor, e «NOSSA CIDADE» no Teatro da Praça, que comentaremos na próxima semana. Há ainda no Teatro Mesbla «OS SEIS PERSONAGENS», pelo conjunto Tônia-Celi-Autra, que fomos esquecendo.

No mais aguardamos as várias, estréias anunciadas para breve: o ótimo conjunto paulista do Teatro de Arena, com peças de jovens autores brasileiros, o Grupo dos 7 com a esplêndida Fernanda Montenegro e o diretor Gianni Ratto, e as novas montagens do «TABLADO», da Cia T.C.A. e do Teatro do Rio, onde a «RATOEIRA» está para ser substituída.

BEATRIZ BANDEIRA

HOMENAGEM AO PROFESSOR ZDENEK HAMPEJS

A diretoria da Sociedade de Amigos de Machado de Assis homenageou o Prof. Sdenek Hampejs, de visita ao nosso país. O ilustre filólogo, professor da Universidade de Praga, é um estudioso das literaturas de língua portuguesa, tradutor de clássicos e modernos escritores de Portugal e do Brasil, entre os quais Machado de Assis. Em contato com os meios intelectuais brasileiros — na Bahia, no Rio, em São Paulo, em Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba e Belo Horizonte — o Prof. Hampejs tem exposto os planos de tradução para o seu idioma, das melhores obras da literatura brasileira. Essas obras aparecerão na coleção Biblioteca dos Clássicos, publicada pela Editora Estatal de Belas Letras, que é a mais importante da Tchecoslováquia, sendo que a referida coleção inclui as grandes obras da literatura mundial. Na foto aparece o Prof. Hampejs cercado de membros da diretoria da SAMA, os srs. Plínio Doyle, Carlos Ribeiro, Manuel Estêves, Milton Pedrosa e Astrojildo Pereira. Foi um encontro íntimo e cordial entre machadianos brasileiros e o eminente machadiano tchecoslovaco.

O Universo

Desvendando os Seus Segredos

Em nossa próxima edição, divulgaremos, em suplemento, um documento inédito no Brasil e que terá, sem dúvida, grande repercussão. Trata-se dos resultados, apresentados pelos cientistas soviéticos, das pesquisas realizadas no espaço cósmico pelos satélites artificiais da URSS e pelo Lunik.

V BIENAL DE SÃO PAULO

EVA FERNANDES

Inaugurou-se no dia 22 do corrente, com a presença do Presidente da República, do Governador do Estado e do Prefeito Municipal, grande aparato oficial e mundano, a V Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo ou, simplesmente, a V Bienal Paulista, a maior exposição de artes plásticas, em extensão especial do continente.

De fato, são quilômetros de arte que se estendem no belo «Pavilhão das Indústrias» no parque Ibirapuera: cinco mil obras de arte entre desenhos, gravuras, esculturas e, sobretudo pinturas, de, ao todo, 897 artistas, arte de 47 países, disse-se a arte do mundo inteiro.

Se tal não acontece, se a Bienal Paulista ainda não reúne as expressões artísticas do mundo inteiro, ela está, no entanto, aproximando-se cada vez mais desse escopo. Aumenta, ano após ano, o número de países inscritos, participando este ano pela primeira vez na exposição brasileira a Índia, o Ceilão, a República Árabe Unida, a Polónia (cuja participação na IV Bienal não chegou a concretizar-se), a Guatemala (um só artista) e também o México, cuja ausência foi muito lamentada há dois anos, voltou agora a figurar entre os expositores.

Espere-se, portanto, que não somente o número de países continue aumentando cada vez mais mas, também, que a própria expressão artística da grande mostra venha a tornar-se mais rica, mais variada.

A expressão popular cunhou a designação «bienal» para os desenhos e formas esquisitas, estranhas; chama de

CINEMA

A GRANDE ILUSÃO

A Grande Ilusão (La Grande Illusion) foi realizado em 1937 (há 22 anos atrás, portanto) quando já se pronunciava o quadro sombrio que envolveria em labaredas, sangue e lágrimas quase toda a humanidade. Jean Renoir transportou para o filme o conhecimento da realidade vivida como combatente da guerra de 1914-18, aliada a um profundo domínio da arte cinematográfica. O resultado é que A Grande Ilusão figura entre as melhores obras da cinematografia mundial e, apesar de distante no tempo, vem obtendo a melhor acolhida neste lançamento mundial.

A Grande Ilusão é a que se refere Renoir à a ilusão dos combatentes que acreditavam ser aquela a última guerra, esperando um futuro de entendimento, paz e prosperidade. Este sentido de denúncia foi responsável pela interdição da fita na Alemanha nazista e na Itália fascista, muita embora os alemães fossem mostrados como seres humanos e até como cavalheiros. O essencial na obra de Renoir é menos a guerra em si, mas, existe nenhuma cena de combate tudo se passa nas prisões alemãs do que a divisão da humanidade em classes sociais antagonicas. No dizer do historiador Georges Sadoul, o mérito do filme está em que: «Sua lição foi também que acima dos conflitos entre as nações, as classes se entendem: o marquês Boledieu (Pierre Fresnay) está mais próximo do Junker von Rauffenstein (Erich von Stroheim) que do mecânico Marchal (Jean Gabin)».

O artista retrata com sinceridade a vida dos prisioneiros franceses, suas relações com os carcereiros alemães, impregnando de humanidade as imagens de filme. Na pretensa fuga de Pierre Fresnay tocando flauta, enquanto Jean Gabin e Dallo escapam realmente, até o seu fuzilamento pelo «junker» Stroheim está presente a mão do mestre. Na cena seguinte o francês agonizante recebe a visita do oficial alemão deplorando o trágico desfecho, num misto de desencanto para com o dever assassino e de amargura pela sua condição de inválido. Antes de expirar o marquês procura justificar a posição do «junker» com estas palavras: «Francês ou alemão, o dever é o dever» — colocando aí, Jean Renoir, o acento patético, a mensagem pacifista contra a desumanidade da guerra.

Nas cenas finais de A Grande Ilusão, quando Jean Gabin e Dallo, exaustos, sujos e famintos, discutem e se desesperam para depois se darem as mãos e continuarem a caminhada, há legítima fraternidade humana. Mais importante ainda é o tratamento dispensado aos dois fugitivos pela camponesa alemã (Dita Parlo) acolhendo-os e dando-lhes alimento. A despeito da barreira da língua, Gabin e a camponesa, sentem-se atraídos um pelo outro pairando seu amor acima da arbitrariedade disputa bélica.

A Grande Ilusão coloca seus autores — Charles Spaak e Jean Renoir — no lugar devido aos grandes cineastas de nosso tempo.

CARTAZ

A estréia de Um Rei em Nova Iorque é o fato principal da semana cinematográfica carioca. Depois de muita espera seremos brindados com a presença sempre querida de Charles Chaplin. Um Rei em Nova Iorque é uma comédia feita por alguém que viveu e soufreu alguns maus momentos com a discriminação macartista, daí os ataques sofridos por parte de certos setores da imprensa mundial. A arte de Chaplin, porém, é mais forte e permanecerá para sempre como testemunho de um artista que sempre soube colocar o seu meio de expressão a serviço dos mais nobres e dignos ideais de compreensão humana.

GENNYSON AZEVEDO

Latifundiário Perdeu A "Guerra Do Capim"

Zico Diniz assinou contrato de arrendamento com os lavradores de Santa Fé do Sul — Substituídos pelo governo o Juiz de Direito, o delegado de polícia e o médico do Posto de Saúde

SANTA FÉ DO SUL. São Paulo (Da Correspondente) — Pela primeira vez na história do movimento camponês de São Paulo, se conseguiu a assinatura de centenas de contratos escritos entre fazendeiro e arrendatário, sob interferência e fiscalização governamental. Esse importante fato ocorreu em Santa Fé do Sul, graças a um movimento heroico de 800 famílias que lutaram durante mais de oito meses resistindo às ameaças de expulsão das terras que haviam arrendado verbalmente, e cujo proprietário "Zico" Diniz queria transformar em pasto para gado.

REMOÇÃO DO JUIZ E DO DELEGADO

A vitória dos lavradores não se restringiu à assinatura dos contratos de arrendamento. As autoridades que se colocaram ao lado do latifundiário "Zico" Diniz, como o juiz de Direito, Sinésio de Paiva Sapunty; o delegado de polícia, Marçal Ladislau da Silva; e o médico do Posto de Saúde local, que atendia mal aos lavradores, foram todos removidos de Santa Fé do Sul. Os processos contra os camponeses, que tinham como base o arrendamento verbal, foram inutilizados.

SOLIDARIEDADE OPERÁRIA

A luta vitoriosa dos lavradores contou com o apoio decisivo dos sindicatos operários de São Paulo que, celosamente com os seus irmãos do campo desde os primeiros momentos da luta, ajudaram a organizar a Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Santa Fé do Sul. Esta entidade, presidida pelo líder Joffre Correia Neto, conhecido como o "Fidel Castro Sertanejo", comemorou a luta vitoriosa.

Os dirigentes sindicais e representantes da ULTAB e do Prefeito de Santa Fé do Sul e inúmeros deputados, entre os quais o sr. Luciano Lepera, mantiveram-se solidários com os lavradores, promovendo e participando em entendimentos com as autoridades governamentais.

LUTA DRAMÁTICA

A luta dos camponeses de Santa Fé do Sul teve início há mais de oito meses, quando o latifundiário "Zico" Diniz mandou seus capangas plantar capim-olona nas terras onde os lavradores cultivavam arroz, milho e legão. As terras tinham sido arrendadas verbalmente, conforme a tradição imposta pelos senhores feudais. Mas "Zico", apoiado pelo Juiz de Direito e pelo Delegado de Polícia, resolveu desfeitar o contrato e encerrar os lavradores das terras. Toda a sorte de violências foi cometida contra os trabalhadores e suas famílias. O líder dos lavradores, Joffre Correia Neto, foi covardemente açoitado a tiros de revólver tendo sido hospitalizado, em estado grave. Mas todos os recursos utilizados contra os arrendatários resultaram inúteis. A luta dos lavradores foi vitoriosa graças à sua organização e à solidariedade dos sindicatos operários, e de várias personalidades que se colocaram ao seu lado.



Joffre Correia, líder dos camponeses de Santa Fé do Sul

ESTUDANTES DÃO CURSOS PARA TRABALHADORES

Refletindo o interesse da sociedade estudiosa pela elevação do nível cultural da população do País, os cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras e os acadêmicos da Faculdade de Filosofia de São Paulo, estão realizando ao ensino de trabalhadores, através da realização de cursos especiais.

Os cadetes das Agulhas Negras começaram a dar aulas de alfabetização aos agricultores de Resende. O curso, iniciado há mais de um mês, é patrocinado pela Associação Profissional dos Trabalhadores de Resende, e foi organizado através de um entendimento entre os líderes operários, o Prefeito local e o General Comandante da Academia Militar.

UNIVERSIDADE POPULAR

Em São Paulo, o Departamento de Relações Sindicais do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em conjunto com o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz e o

Pacto de Unidade Inter-sindical e o Sindicato dos Metalúrgicos, iniciaram os cursos preparatórios de uma Universidade Popular.

O curso teve início no dia 10 do corrente e se prolongará até 24 de outubro. Aulas são ministradas todas as quintas-feiras, no Sindicato dos Metalúrgicos, abrangendo os assuntos: Economia Política, Educação Social e Legislação Trabalhista.

Despedido Depois de Acidentado

O operário José Trevizani trabalhou mais de oito anos numa máquina de lavar roupa e após 18 meses de doença decorrente de um acidente de trabalho, foi despedido. Sem patólio, após dois meses de tratamento, o contínuo pagamento dos seus salários, ainda com o beneplácito da tipografia, o operário voltou ao trabalho. Mas a máquina foi vendida e o novo proprietário jogou na rua o trabalhador acidentado, sem lhe conceder qualquer indenização.

Esse fato ocorreu no município de Estrela do Oeste, em São Paulo, onde há mais de quatro meses o trabalhador vem reclamando os seus direitos. José Trevizani, embora não tenha a Carteira Profissional assinada, tem as condições de que há mais de um ano trabalha muito comprometido na máquina em que foi acidentado. Assim, entretanto, que o sr. José Martins, atual proprietário, é fazendeiro, colono estadual e homem de grande influência na política local. Daí a proteção do Departamento Regional do Trabalho de São José do Rio Preto, que até agora não deu uma solução para o caso. Sem condições para enfrentar o tipo de trabalho, e passando os maiores prejuízos a operário nos últimos meses, a qual deseja um auxílio às autoridades competentes para que providenciem a substituição da máquina por uma

Direito De Greve Ou Camisa De Força?

NILSON AZEVEDO

Justamente indignados com os termos do substitutivo do senador Jefferson de Aguiar, o qual, a pretexto de regulamentar, suprime arditosamente o direito de greve, os trabalhadores de todo o país começaram a manifestar o seu repúdio ao referido substitutivo, e a pleitear do Senado a aprovação do substitutivo apresentado pelo senador Atilio Vivacqua, o qual, embora mereça algumas restrições, assegura aos trabalhadores o direito de greve.

Não podia ser outra a reação. O substitutivo do senador Jefferson de Aguiar, em linhas gerais, considera as massas trabalhadoras camadas marginais da sociedade, necessitadas de ter seus direitos limitados e de viver sob a tutela do Ministério do Trabalho e de outros órgãos do governo. De acordo com o parecer do parlamentar carioca, caberá a órgãos da administração pública, entre eles o Conselho de Segurança Nacional, o Ministério e a Justiça do Trabalho, dizer quem poderá fazer greve, onde se poderá fazer greve, quando se poderá fazer greve, quando se poderá fazer greve, e, finalmente, se se poderá fazer greve.

O artigo 1º do substitutivo Jefferson de Aguiar estabelece que "Os dissídios coletivos de trabalho poderão ser resolvidos pelos órgãos da Justiça, ou pelo exercício do direito de greve, na forma desta lei". Para a decretação da greve, entretanto, são exigidos tantos prazos e formalidades que o efeito de reação vigorosa que caracteriza o movimento grevista fica praticamente anulado.

Mas o artigo 26, em seu parágrafo V, diz textualmente que a greve será ilegal "se o Tribunal Superior do Trabalho, a requerimento da Procuradoria Geral do Trabalho decidir, por dois terços dos seus membros, que a greve é lesiva à ordem pública e à segurança nacional, determinando o término dos grevistas à atividade profissional, no prazo que fixar e sob as cominações que determinar, na forma da lei vigente".

Mesmo que nos demais 70 artigos o substitutivo em face constitua uma afirmação do direito de greve, bastaria o que citamos acima para que tivéssemos liquidado o referido direito.

Não fica aí, entretanto, a negação do direito de greve. O parágrafo III do mesmo artigo 26 estabelece que a greve será também ilegal "se deflagrada por motivos políticos, partidários, religiosos, sociais, de apoio ou solidariedade, sem qualquer reivindicação que interesse direta e legitimamente à categoria profissional".

Aqui se manifesta mais nitidamente o caráter discriminatório do parecer do senador Jefferson de Aguiar, político ou social.

e o seu conteúdo profundamente reacionário. Na opinião desse parlamentar, as categorias profissionais só poderão utilizar-se de direito de greve quando as autoridades permitirem, para reclamar aumento ou pagamento de seus salários, e só do seu próprio salário, porque a greve de solidariedade é proibida e, portanto, um grupo de trabalhadores não pode sair em socorro de outro.

Em princípios deste ano os operários navais de Niterói paralisaram o trabalho como sinal de protesto contra o parecer da Comissão de Enquadramento Sindical, que determinava o seu deslocamento do grupo marítimo da sociedade, necessitados de ter seus direitos limitados e de viver sob a tutela do Ministério do Trabalho e de outros órgãos do governo. De acordo com o substitutivo 9.070, de Jefferson de Aguiar ela seria ilegal, e os seus estomacos, pelo artigo 37, parágrafo VII estariam sujeitos a "reclusão de seis meses a um ano e multa de Cr\$ 5.000,00 a Cr\$ 100.000,00".

O funcionalismo público e autárquico não poderá fazer greve. Os líderes marítimos, portuários e ferroviários, se renetssem a ação desenvolvida em fins do ano passado, na luta conjunta pela conquista do abono provisório de 30%, que foi vitoriosa graças à decretação da greve na assembléia-monstro do IAPM, seriam processados pela Lei de Segurança Nacional.

O substitutivo não reconhece e não reflete as conquistas práticas do movimento sindical no país, a consciência política e o crescente nível de organização dos trabalhadores. Limitando o direito de greve a certas reivindicações econômicas, o referido parecer se apresenta como uma camisa de força, destinada a reprimir a ação consciente do movimento operário que, ao contrário do que supõe o autor do referido substitutivo, não luta, apenas, pela elevação de seus salários.

Os trabalhadores, liderados pelos suas entidades, participam cada vez com maior energia na luta pela emancipação econômica e política do país, em defesa das liberdades democráticas e contra a carestia da vida. Estudam e debatem os problemas nacionais, lutem pela sua solução ao lado de todo o povo, e, nessa luta, reclamam o direito de utilizar, quando acharem conveniente, o sonhado direito de greve. Daí o seu repúdio ao substitutivo Jefferson de Aguiar, que pretende deixá-los à margem da sociedade, reduzindo-os a simples pedintes de alguns miseráveis níqueis, tentando impedi-los de se utilizar de seu tradicional recurso — a greve — para reivindicar, quando julgarem necessário, medidas de caráter econômico, político ou social.

A BATALHA DOS SALÁRIOS

AERONAUTAS IRÃO A GREVE

A data exata da deflagração da greve nacional dos aeronautas será decidida na reunião convocada para o próximo dia 30, nesta capital. Essa decisão foi adotada na última assembléia da corporação e será levada à prática se até o dia 30 os patrões não tiverem resolvido conceder o aumento de 15%, solicitado pelos trabalhadores.

As delegações sindicais situadas nos Estados estão providenciando a realização de assembléias, tendo como objetivo manter toda a corporação devidamente entrosada com o comando do sindicato.

Urgência Para a Reclassificação

Na assembléia monstro realizada pelo funcionalismo federal, no último dia 18, nesta capital, ficou decidida a promoção de uma quinzena nacional, a partir do próprio dia 18, destinada a campanha pela aprovação do regime de urgência para a votação do projeto de reclassificação.

Falando à nossa reportagem, o deputado Lino Hamer esclareceu que a campanha consistirá do envio de telegramas, abaixo-assinados, cartas e comissões de funcionários aos senadores, subvertendo-lhes que votem pela urgência da discussão e pela aprovação da proposta do senador Marinho Maranhão.

Padeiros: Greve ou Dissídio

Os padeiros de São Paulo não concordam com a proposta do TET, no sentido de que todos concordem em aumento de 20% nos seus empregados. Em face disso as autoridades municipais instauraram o dissídio. Os trabalhadores, entretanto, pedem a convocação em assembléia geral no próximo dia 20, quando deverão se esperar o resultado do dissídio, ou se declararem em greve, como haviam decidido na reunião anterior.

OPERÁRIOS NAVAIS VOLTARÃO A GREVE

Os operários navais do Lorde e da Costeira entregaram um memorial na segunda-feira última a Comissão de Marinha Met-

cente, solicitando a aprovação do quadro de equiparação profissional dos trabalhadores dos dois estabelecimentos. O memorial salienta que sua deflagração a greve geral, se o referido quadro não for aprovado dentro do prazo de 15 dias.

entia que sua deflagração a greve geral, se o referido quadro não for aprovado dentro do prazo de 15 dias.

Garimpeiros Tratados Como Criminosos

SÃO JOÃO DA CHAPADA. Diamantina (Da Correspondente) — Segundo se divulgou pela imprensa, a companhia norte-americana que aqui se instalou para explorar a lavra de diamante continua cometendo tropelias impunemente.

Ha dias, vários garimpeiros-licenciados foram violentamente escorraçados da localidade so porque estavam minerando o resto de cascalho vulgarmente chamado "respejo".

A companhia estrangeira que regularmente explora a mineração no sítio nacional além de escorraçar os nossos patriotas ainda os denunciou à Justiça como se os mesmos fossem criminosos.

Sindicato dos Barbeiros de Mato Grosso

Foi empossada a nova diretoria do Sindicato dos Barbeiros de Campo Grande, Mato Grosso, que ficou constituída pelos senhores Telésforo Reis, presidente; Genaro Bispo do Nascimento, secretário; Laurindo Marques, tesoureiro.

VITÓRIA — ES

SINDICATOS RECLAMARAM SANDU VAI FUNCIONAR

Uma comissão representativa de 12 Sindicatos operários do Espírito Santo esteve neste Capital para protestar contra o abandono em que se encontra o SANDU em Vitória. Os membros da Comissão, entre os quais se encontram os representantes das indústrias de docas, ferroviária, estabelecimentos têxteis e trabalhadores em construção civil, que lutaram e venceram o sr. João Gondard que a par do assunto, prometiu providenciar a renúncia imediata dos serviços do SANDU, preti-

camente paralisados há muito tempo.

O referido Posto, apesar de ter um Diretor e vários funcionários, não dispõe de meios para atender o trabalhador e de suas famílias. A Comissão que esteve em o vice-presidente da República, trouxe uma relação com nomes de vários médicos dentre os quais o sr. João Gondard, escolhido e designado que os mesmos seriam nomeados para iniciarem o trabalho imediatamente.

PESCA: POLÍTICA SEM ORIENTAÇÃO

Francisco Gomes da Silva

A política oficial adotada para a pesca no Brasil não resiste à mais superficial análise. Possui mesmo afirmar que não há uma orientação definida nesse sentido, esse fato, tendo em vista a atual situação que atravessamos, notadamente no que se relaciona com o abastecimento e o custo dos produtos alimentícios, merece ser devidamente examinado pelas autoridades responsáveis pela pesca em nossos países.

Com efeito, uma política assistencial nas atividades pesqueiras poderia não só contribuir para melhorar o abastecimento das cidades como também para a produção de divisas, através do aproveitamento do atual, da lagosta e de produtos da região amazônica. Outro aspecto da questão que deve ser encarado com a devida seriedade pelo Governo é o problema econômico-social que se agrava em toda a faixa litorânea, ameaçando de extermínio a margem de dois milhões de cidadãos que vivem das atividades pesqueiras. A maioria destes homens, praticamente abandonados à própria sorte, utilizam-se aliada hoje das mesmas condições precárias de que se serviram os nossos indígenas do tempo do Cabral.

As diversificações econômicas e geográficas que constituem as diferenças regionais, muitas vezes entre Municípios

vizinhos, são sempre apresentadas como pretexto pelos donos da pesca a fim de justificarem a inércia que os domina, e as soluções entreguistas que vêm apresentando ao governo, num flagrante escárnio à miséria do pescador, ao mesmo tempo difamando ao afirmarem que se são incapazes. Mas se esquecem estes senhores de que a corporação de pescadores é numericamente grande e que o seu espírito de luta está hoje em seu auge, tendo de que lutar. É hoje que nos põe a luta contra grupos poderosos, burocráticos, não existe empobrecido ou negligenciado, mas uma frente de todos os setores dos interesses comuns. E nesse movimento organizado existe a determinação de acabar com a política discriminatória de privilégios regionalistas, adotada na aplicação de mais de quatrocentos milhões que se arrecadam anualmente em nome da pesca e não têm aplicação honesta e eficiente. E o Nordeste é o mais prejudicado com esta criminosa política, ficando isto patenteado no desenvolvimento das discussões no plenário da Conferência de Pesca do Nordeste que os aproveitadores da pesca procuraram transformar em reunião entreguista, encusando-se, entretanto, pois de agora em diante o movimento vai recrudescer, de opondo-se nominalmente os responsáveis.

300 ANOS DE ATRASO NA PECUARIA

CARNE QUE SE PERDE CADA ANO PODERIA ABASTECER RIO E S. P.

Falta de frigorificos nas zonas produtoras — Deficiências do transporte rodoviário — Prejuizo de mais de Cr\$ 3 bilhões anuais na industrialização dos derivados de boi

Uma solução de fundo para o problema do abastecimento de carne no Brasil não pode limitar-se a medidas de emergência...

de cabeças: enquanto isto, as estimativas do IBGE davam, para 1953, um total de 57,6 milhões de cabeças...

O TRANSPORTE DO GADO

As principais regiões produtoras de gado no Brasil acham-se no Brasil Central e no sul do Rio Grande do Sul...

Surge, então, o problema do transporte e, com ele, o dos intermediários, o das pastagens e das elevadas perdas...

DO CRIADOR AO AÇOUGUE

Segundo inquéritos feitos por repartições oficiais, o gado passa pelo menos por três mãos antes de chegar ao açougue...

matadouros possuem também frigorificos.

PERDAS ENORMES

O deslocamento dessa enorme quantidade de boi é geralmente feito a pé, do mesmo modo que há trezentos anos...

65 por cento — técnicos que só esse gado do Brasil Central sofre uma perda de mais de 300 mil toneladas de carne...

O transporte do gado a pé apresenta, ainda, outro aspecto importante: a deterioração das pastagens...

TRANSPORTE EM VAGÕES

Outro meio de transporte do gado para os frigorificos são os vagões ferroviários. Na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil...

mais, sobreviventes, machucados, exigem um período de tratamento, antes do abate. Nesse período, a perda de cada boi é de 2 quilos e meio por dia.

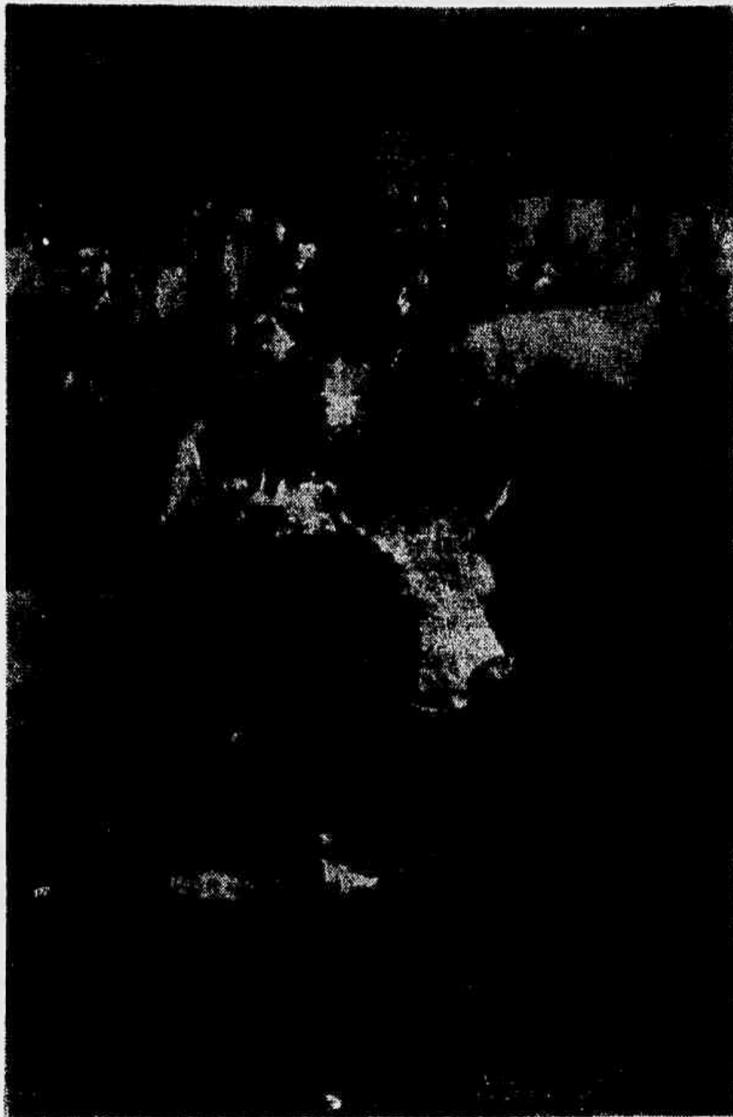
A SOLUÇÃO

Em recente conferência realizada no ISEB, o agrônomo Orlando Valverde, que apresentou alguns dos elementos mencionados nesta reportagem...

O transporte do boi já abatido oferece uma série de vantagens. Assim, o número de reses mortas que pode ser transportado num só vagão frigorífico eleva-se a oitenta e, em segundo lugar, não há, praticamente, perdas de peso no trajeto.

Entretanto, além da falta de frigorificos aparelhados, há outra grande dificuldade nessa particular. É que a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil cobra um frete vinte vezes mais caro pelo boi morto do que pelo vivo.

Arrepende-se que devido à inexistência de frigorificos nas regiões produtoras e ao mau aparelhamento da grande maioria dos existentes...



As perdas são grandes: 2 quilos e meio por cabeça, em cada dia de marcha. Apesar disso, a esmagadora maioria dos bois destinados aos matadouros brasileiros é transportada a pé, como há três séculos...

AS EMENDAS AO PLANO CARVALHO PINTO

JOSÉ ARMANDO DE CASTRO

Aos chamados investimentos para a expansão agrícola-industrial é discriminada no Plano de Ação do governador Carvalho Pinto...

culas, como vêm sendo até agora.

A carestia, agravada com o recente aumento brutal dos impostos indiretos pelo governo do Estado, do qual resultou um excesso de arrecadação de 15 bilhões neste exercício...

No setor de expansão industrial, ao qual destina 14 bilhões, o Plano e o projeto de lei contém, sob certos aspectos, mais facilidades que nos demais empreendimentos propostos.

Com as considerações que temos feito sobre o Plano de Ação do governador Carvalho Pinto, quisemos chamar a atenção do leitor para algumas das contradições que geraram a iniciativa governamental.

Quando ao projeto de lei exposto nas páginas 7 a 11 do documento, ele requer alguns reparos mais sérios. O projeto solicita uma verba de 100 bilhões durante os quatro anos de gestão do atual governo...

bilhões, ou seja, duas vezes mais do que a moeda nacional em circulação.

Embora a verba se distribua pelos quatro anos legislativos, não se prevê sua discussão e votação anual pela Assembleia, mas a concessão, de uma só vez, dos 100 bilhões. E, o que é mais grave, o Plano de Ação não acompanha o projeto, para transformar-se com ele igualmente em lei...

O projeto de lei se propõe buscar o dinheiro em empréstimos públicos e no excesso de arrecadação e em seções eventuais de exercícios anteriores. De qualquer forma, o dinheiro sairá do trabalho do povo paulista...

Estabelece o projeto de lei: «Os fundos criados no item I deste artigo (os 100 bilhões) terão sua aplicação orientada e controlada por conselhos presididos, respectivamente, pelo secretário de Estado dos Negócios da Educação...

A tentativa de surpresa e a combati-

vidade dos deputados nacionalistas e democratas se fez sentir em tempo. Foram apresentadas, no prazo inicial de cinco dias, mais de 20 emendas individuais e coletivas.

Ninguém se coloca contra a planificação pelo Estado, quando ela visa atender aos interesses do povo. As emendas procuram exatamente corrigir as lacunas mais graves e estabelecer a vinculação do plano ao projeto de lei, assim como incluir nele medidas de reforma agrária dentro da Constituição do Estado...

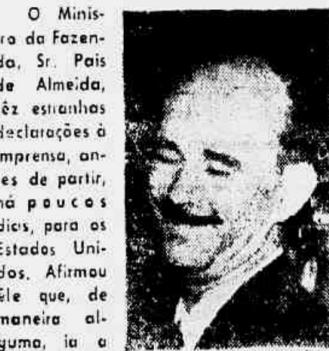
Aprovadas essas emendas, o Plano de Ação e o projeto de lei não sofrerão «distorções», como pretendem certos defensores apaixonados de tudo que emana do atual governo.

Rua Com o Nome de Zélia Magalhães

Por indicação do vereador Francisco Silbert Sobrinho (PBB) foi proposta uma homenagem a Zélia Magalhães, mártir do povo brasileiro na luta pelo monopólio estatal do petróleo...

A proposta visa dar a uma das ruas da Cidade o nome de Zélia Magalhães.

Governo Enfrenta Crise (Ou Esconde Manobras?) Com Frases Otimistas



O Ministro da Fazenda, Sr. Pais de Almeida, fez estanhadas declarações à imprensa, antes de partir, há poucos dias, para os Estados Unidos. Afirma que, de maneira alguma, ia a Washington em busca de empréstimos...

Ninguém, que se saiba, conhece entretanto, essas reservas alegadas pelo Ministro da Fazenda. A tendência, pelo contrário, nos meios informados, é apontar um agravamento da crise cambial, que o país vem atravessando nos últimos dois anos.

apresentou um saldo negativo de US\$30 milhões, no primeiro quadrimestre de 59. Informações mais recentes indicam que esse saldo negativo tem se acentuado ainda mais, nos últimos meses.

A revista «Desenvolvimento & Conjuntura», em seu número de julho último, observa, por outro lado, que a política de «guerra de preços» empreendida pelo Governo, na comercialização do café, continua dando resultados negativos para o País.

Eis, portanto, a esfinge a ser decifrada: onde está o cofre secreto de Sr. Pais de Almeida?

Francisco Julião:

- 1) Descendente De Nobres
- 2) Sócia De Ho-Chi-Mhin
- 3) Líder Dos Camponeses

Reportagem de CLODOMIR MORAIS



Tudo começou com a morte de João Tomás. Era um batalhador de tradições familiares. Seu irmão fora assassinado, anos antes, pelos capangas das usinas. Sua irmã, que ainda vive, passou vexames de várias prisões. Ele mesmo, João Tomás, tinha os ossos das pernas entreados não só pelo reumatismo crônico mas, principalmente, pelos muitos espancamentos que sofrera. Era um batalhador; um camponês admirado por todos que o conheceram. Andava de cima de um cavalo velho a discutir política com os assalariados agrícolas e foreiros do município de Golana. Naquela semana do mês de novembro de 1955 resolveu apanhar assinaturas de apoio ao general Lott. E argumentava: — «Os golpistas foram derrotados, mas ainda estão vivos. Vamos apoiar o general Lott senão os latifundiários acabam com a gente. Eles querem rasgar «a Lei» que dá direito à gente reunir e discutir os problemas do povo pobre. Vamos assinar aqui neste papel.»

ra assediado o seu mocambo insistia em prendê-lo. Deu-se o choque. Ao primeiro tiro de mosquetão dos policiais, João Tomás, quase agonizante, ordenou a resistência. — «Nóis já sofreu muito. Nóis já perdeu tudo — a voz tênue dos seus últimos momentos — e agora nós nada tem mais que perder. Ninguém vai morrer como passarinhos».

A primeira descarga de espingarda «pica-pau» saída de dentro do casebre jogou ao chão um soldado. O tiro foi fulminante. Os outros vinte soldados fugiram em pânico.

A ambulância do SAMDU voltou vazia. Desapareceu João Tomás. E os deputados, dentre eles Paulo Viana de Queiroz e Francisco Julião, só encontraram o enorme arsenal da polícia e centenas de soldados furando de baioneta todas as moitas de cipós e capins. Buscavam João Tomás out a sua alma.

A GALILÉIA

Já a essa altura Francisco Julião, deputado pelo Partido Socialista recém-eleito, andava às voltas com os camponeses do Engenho «Galiléia» do município de Vitória de Santo Antão, Duzentas e tantas famílias de camponeses, depois de muito insistir com as autoridades sem conseguir uma professora para ensinar o ABC a centenas de crianças daquele lugar, resolveram formar uma sociedade para manter uma escola. O dono do Engenho Galiléia foi eleito por unanimidade presidente de honra da sociedade.

Não aceitou o posto e a resposta que deu aqueles homens pobres e sedentos de instrução para os seus filhos foi a repreensão policial. Gerou-se a luta. A enorme multidão de camponeses da Galiléia que esteve em Palácio não foi recebida pelo governador Cordeiro de Farias. Na Assembléia Legislativa o deputado Francisco Julião e outros atenderam aos camponeses. Aquêles tor-

nou-se o advogado dos lavradores da Galiléia ante a ameaça do proprietário de terras de expulsar tantos entes miserandos. Fundou-se, em seguida, outra entidade, a Sociedade dos Plantadores e Pecuaristas de Pernambuco, que hoje tem mais de trinta delegacias espalhadas por todo o Estado. São as chamadas «Ligas Camponesas» que, dia a dia, proliferam cada vez mais.

O CÓDIGO CIVIL

Os primeiros momentos

foram difíceis. A «Sociedade», — esse é o termo pelo qual se conhece a SPPP — quase foi dissolvida pela polícia do general Cordeiro de Farias. Houve semanas inteiras que os homens de Galiléia tinham que dormir na mata para não serem presos. Quem desse ouvido às notícias que os senhores de engenhos publicavam nos jornais teria que imaginar que a lavoura pernambucana estava entregue ao saque e ao terrorismo. Eles nunca diziam que a «Sociedade» é registrada e legal. E nem diziam que ela só tem uma finalidade: zelar pela aplicação do Código Civil Brasileiro. Os advogados, à frente Francisco Julião, moveram de início mais de quatro mil ações contra senhores de engenho que, acostumados aos velhos tempos, expulsavam camponeses forçadamente de suas terras sem a devida indenização. Uma simples audiência em que o camponês e pomposo senhor de engenho eram ouvidos pelo juiz no mesmo pé de igualdade, gerava, inicialmente, de um lado um alento de esperança no peito dos camponeses, e do outro a maior fúria e indignação dos senhores de engenho que não vacilavam em arrastar lavradores e destilar casebres.

Tudo derivava da falta de costume em atender aos interesses do Código Civil. No Engenho de Pernambuco é a lei da selva que impera os grandes querendo engolir os pequenos. Outras palavras: a lei querendo engolir os engenhos e os engenhos engolindo os pequenos proprietários e lavradores. Bastou surgir alguém «fora da caixa» que passou a resolver as questões com o Código Civil e a Constituição na mão para surgir toda essa onda de reação contra os camponeses. E como uma reação provoca, em consequência, outra reação, os camponeses se colocaram em posição de reação. Não com a força, mas com a Lei e a organização. Eis aí o motivo do crescente número de Ligas Camponesas. — o terrorismo dos senhores de engenho.

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

O Engenho Galiléia do município de Vitória de Santo Antão passou a sofrer os mais hediondos as-

salto. Houve muitas mortes. O próprio Francisco Julião, apesar de ser deputado, em novembro de 1956 foi preso em Vitória de Santo Antão. Esta última violência veio fortalecer mais ainda a unidade dos camponeses de todo o Estado, e aquela cidade passou a ser o maior centro da «Sociedade». Julião apelou para as autoridades civis, militares e religiosas no sentido de ajudar os milhares de camponeses que morrem à míngua na zona da Mata. Mas ninguém lhe deu ouvido e nem quis acompanhá-lo nessa luta. Dai ser hoje o líder nordestino dos camponeses. Conhecem-no de nome e de fama camponeses do Piauí, do Ceará, de Alagoas, da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Constituiu-se na esperança de tantos quantos vivem sob a exploração dos latifundiários e sujeitos às relações de produção semifeudais.

A MISERIA

Enquanto isso, a situação dos camponeses pernambucanos é cada vez mais desesperadora. Os que não podem viver da palha da cana correm para o Recife, já que não têm meios para fugir para São Paulo (Conclui na 10.ª pág.)

NO MUNDO ÁRABE

A vida nos obriga a desembarcar na terra, de volta da Lua, pelo mar da tranquilidade, onde navega o Lunik II. E, na terra, nem sempre encontramos a tranquilidade daquele mar, ou a vida nova criada na pátria, dos foguetos artificiais. Existem outros mundos, infelizmente.

A publicação, nos jornais franceses, de trechos do relatório da delegação enviada pelo governo de De Gaulle, no sentido de investigar as condições dos chamados campos de reagrupamento, onde milhares de camponeses argelinos foram internados, para impedir que ajudassem os combatentes pela libertação nacional, deventam outros aspectos desumanos da política colonialista. Confessa a comissão que mais de um milhão de pessoas vivem naqueles campos de concentração, onde, dizem textualmente, o estado fisiológico da população é tal, que os medicamentos não exercem nenhum efeito. Monsenhor Rodhain, Secretário-Geral do Socorro Católico, que esteve na Argélia ao mesmo tempo que os delegados franceses, denuncia no jornal «La Croix» que os pastores foram separados de seus rebanhos, para internamento, e não puderam resistir, especialmente as crianças, ao rigoroso inverno. Os rebanhos lhes forneceram alimentação e roupa e eram a única fonte de calor. No insuperável «Le Figaro», encontramos mais informações sobre os campos de concentração. M. Pierre Maignan escreve: «Na península de Collo (trata-se do campo de Bessonbourg) vivem 15 pessoas em cada tenda de campanha desde junho de 1957, numa promiscuidade indescritível. Vivem em Bessonbourg 1860 crianças, a quem são distribuídas rações de leite (meio litro para cada) apenas duas vezes por semana. Acrescenta: «Há 8 meses que não é feita uma única distribuição de produtos gordurosos».

Na Síria estão encarceradas 150 mulheres e no Egito 80. No cárcere de Damasco as prisioneiras são selvagemmente torturadas com instrumentos elétricos. Arrancam-lhes as unhas. Lá está Fada Halal, mãe de oito filhos: Jamela, com uma criança de 8 meses. Em Salamiyah, nas imediações de Damasco, Sam Zeno de 10 anos foi torturado, e proibido de estudar em qualquer escola, pelo crime da amizade: chorou e reclamou quando vieram prender o seu professor.

Mas o Lunik II, que viajou 34 horas, sem cansaço e no mesmo rumo, arca com um gesto de esperança para os camponeses argelinos, para as mulheres sírias, para os companheiros do patriota Olowi fuzilado no Irã, para todas as crianças do mundo árabe, para todos os povos que lutam pela independência de seus países.

ANA MONTENEGRO

CONTRA A LEI

JK Quer Mesmo Tirar Do Ar a Rádio Nacional

Desde que se transformou numa das mais apiaçadas e mais bem organizadas estações de rádio, tanto no setor artístico como no técnico, vem a Rádio Nacional do Rio de Janeiro sofrendo as mais absurdas investidas de agentes dos que tentam criar, no Brasil, o monopólio do rádio e da televisão.

O maior inimigo da Rádio Nacional tem sido o sr. Assis Chateaubriand, poderoso dirigente de mais de três dezenas de estações de rádio em todo o país e nada menos de três emissoras de televisão — Rio São Paulo e Belo Horizonte, Chateaubriand, com os «Diários Associados», exerce pressões sobre o governo, sempre com ameaças das quais não faz segredo em seus artigos ou nas entrevistas que concede, e em consequência, vem conseguindo pôr em prática seu plano de monopolizar a televisão e o rádio. Graças a isso, tem adquirido emissoras em todo o país, as quais transforma em estações afiliadas de seu prefixo, detendo em massa e praticamente a veterana e simpática estação em retransmissão dos programas da Rádio Tupi.

No Rio, recentemente Chateaubriand adquiriu 50% das ações da Mayrath Veiga, anulando uma concorrente, detendo em massa e praticamente a veterana e simpática estação em retransmissão dos programas da Rádio Tupi.

E o mesmo vem de tentando fazer, há muitos anos, com a Rádio Nacional, a organização radiotelevisora que congrega nada menos de 700 empregados, e que, agora, mais uma vez, se vê ameaçada de completa destruição.

O DECRETO 9.610

FUNDADA em 1936 pelo vespertino «A Noite», a Rádio Nacional foi incorporada ao patrimônio da União em 1940. Até 1945, viveu sob o controle absoluto do governo de Vargas. A partir desse ano, tentaram seus empregados libertá-la, reivindicando um sistema coletivista para a empresa.

Em memória ao presidente José Linhares, os empregados solicitaram que as empresas

incorporadas fossem transformadas em sociedade anônima, e, em consequência, entregues aos próprios empregados. Assumindo o governo o marechal Dutra, em 19 de agosto de 1946, baixou o decreto-lei n.º 9.610, ainda não revogado, e, portanto, em vigor, o qual autoriza, logo em seu Art. 1.º:

«Fixa o Ministério da Fazenda autorizado a dar em locação a sociedade anônima que for organizada por empregados da empresa «A Noite» e pelas pessoas cuja participação for por eles admitida, os bens e imóveis descritos no § 1.º do mesmo artigo «bens e imóveis de todo o patrimônio das empresas incorporadas».

Tornou-se impraticável, na ocasião, o cumprimento do decreto. Não foi a Rádio Nacional que entregou aos empregados, mas, também, uma série de empresas falidas, tremendamente deficitárias, tais como «A Noite» (Rio e São Paulo), «A Noite Brasileira», «Caricão», «Vamos ler», «Figurino», «Publicações Industriais», «A Manhã», «O Estácio» (Niterói), «Editora A Noite», o «Gráfico» e a «Linha de tintas «Vitória». Tinha a Nacional, a única que dava grandes lucros aos cofres públicos, de manter todo esse grupo de organizações em decomposição. Mesmo assim, a Nacional levantou o capital exigido pelo governo e se dispôs a assumir toda a responsabilidade. Mas o governo Dutra, inspirado pelo ministro Pereira Lima, então chefe da Casa Civil da Presidência da República, não cumpriu a determinação legal.

Todavia, apenas concedeu o canal, porque Chateaubriand não deixa que o sr. Juscelino autorize o funcionamento da TV-Nacional.

À VENDA

POUCO tempo depois, o chefe do Governo atendeu a novo golpe de Chateaubriand: comprometeu-se em vender a Rádio Nacional para os «Diários Associados». Mas uma vez, os empregados da grande emissora entraram em luta, amparados no decreto-lei n.º 9.610, em vigor, e que impedia a venda da estação vendida a terceiros, pois os próprios empregados tinham prioridade. Impossibilitado, assim, mais uma vez, de atender ao absurdo compromisso do qual eram cúmplices, o sr. Juscelino...

O CANAL DE TV

COUBE a Rádio Nacional, por outro lado, não pode ser a maior e a mais po-

pular emissora da América do Sul, e porque seus empregados entraram em luta por esse fim — o privilégio de ser a primeira organização radiodifusora a obter canal de televisão. Pertenceu-lhe o de n.º 4. Mas o governo jamais autorizou a construção da TV-Nacional, pressionado por grupos econômicos que temiam a concorrência da grande estação, notadamente pelo grupo Chateaubriand. E desses governos, o que mais se destacou no favor a Chateaubriand, foi, justamente, o atual.

Roberto Marinho conseguiu do Sr. Juscelino o Canal 4 para a sua Rádio Globo, uma estação falida, deficitária, impopular, que funciona a título precário, numa faixa de frequência arrendada ao Chile e não tem «cart», atuando exclusivamente com discos, pois antigos transmissores RCA da falecida Rádio Transmissora, com 25 quilowatts na antena.

Mais uma vez, entraram em luta os empregados da Rádio Nacional, tendo à frente Manuel Barcelos, presidente da Associação Brasileira de Rádio, e, conseguindo chegar ao Catete, com o apoio de alguns órgãos da imprensa e movimentando a opinião pública, lograram evitar que a Nacional ficasse em seu canal de TV. O governo foi obrigado a promover nova distribuição de canais, sem deixar de dar o 4 a Rádio Globo, mas concedendo o 2 à Nacional.

Todavia, apenas concedeu o canal, porque Chateaubriand não deixa que o sr. Juscelino autorize o funcionamento da TV-Nacional.

Devido a pressões administrativas que tiveram, sujeitas a apadrinhados de incompetência comprovada, as empresas incorporadas, como não poderia deixar de acontecer, foram se arruinando. Por último, em mais uma criminosa traição aos empregados, foi fechado o vespertino «A Noite». Restou, somente, a Rádio Nacional.

Projeto Lacerdista é Contra o Ensino

NELSON TEIXEIRA

Foi distribuída aos jornais uma nota oficial da União Nacional dos Estudantes, na qual a entidade toma posição em defesa do projeto de «Diretrizes e Bases da Educação» elaborado por um grupo de educadores do Ministério da Educação.

Esse pronunciamento da UNE tem destacada importância, pois surge no momento em que se discute na Câmara Federal um substitutivo ao projeto de lei de uma comissão em que pontificou o deputado Carlos Lacerda em defesa do ensino particular. Há 12 anos que o País espera que lhe seja dado um sistema educacional coerente com o seu esforço pela emancipação econômica-social. Mas, finalmente, é enviado ao Congresso um trabalho estruturado por uma equipe de técnicos qualificados e que atenderá o arcaísmo do ensino vigente, presenciando o agrupamento dos alunos de colégios particulares em torno de um substitutivo que se destaca por seu conteúdo antidemocrático e mercantilista.

Em um país em que 45% de sua população são mantidos no analfabetismo em que de 7 milhões de alunos matriculados nas escolas públicas somente pouco mais de 500 mil passam à escola secundária, e, desses, apenas 17.000 terminam o curso médio — pretendendo-se desviar verbas públicas para a escola-empresa é uma manifestação de completo desleixo pelo futuro do povo. E é a isso que corresponde o movimento que tem como principal por-

tafco o sr. Lacerda. Esse deputado defende a transformação do ensino gratuito estatal em subsidiário e supletivo do ensino particular. Pretende a aplicação, no âmbito da escola-empresa, de parte das já tão exigidas verbas federais destinadas à educação.

A tese lacerdista é apresentada em nome da liberdade de ensino. Não sabemos, entretanto, a que liberdade se refere. Será a liberdade de o povo continuar analfabeto? Será a liberdade de o povo continuar analfabetizado brasileiro (quase sem recursos até para comer) não mais dispor das poucas escolas gratuitas que o governo mantém para educação de seus filhos? Ou será a liberdade de os alunos do colégio-empresa se completarem cada vez mais à custa dos cofres públicos?

O deputado por certo acha natural e benéfico para a nação o florescimento desses estabelecimentos, tão comuns hoje em dia, em que o aluno, pelo pagamento pontual de sua mensalidade, consegue a aprovação inevitável nos exames finais. Por certo acha muito razoável e justa a remuneração de forma que estão submetidos os professores dos colégios particulares, o que os obriga a se desdobrarem como miquêns, na produção de aulas.

Entretanto, malgrado o perigo que o sr. Lacerda vê no ensino estatal, não exatamente os colégios federais e estaduais, os que maior contribuição fazem nas diversas ca-

tegorias da população, os pedidos de matrículas nos Colégios Militar e Pedro II e no Instituto de Educação, para não serem preteridos somente à capital, vão muito além da disponibilidade de vagas. Os pais sabem que nesses estabelecimentos seus filhos terão um aprendizado criterioso dado por profissionais selecionados. Sabem que não estarão submetidos aos métodos das instituições escolares, à obediência de disciplinação para rotinas ou instituições chamadas de ensino de Sabão. Finalmente, que seus filhos não terão uma educação sadia e desenvolvimento democrático.

A Constituição é clara quando determina que o Estado deve assegurar o ensino básico gratuito a todos que o quiserem.

Que sejam dadas às empresas de ensino privado plena liberdade de funcionamento, uma vez que respeitem as leis que as regulam; mas que não se queira criminosamente negar a possibilidade, já tão precária, de funcionamento das escolas primárias, do ensino médio e superior mantidas pelos escassos fundos governamentais.

A União Nacional dos Estudantes, tomando a defesa do projeto de Diretrizes e Bases da Educação, de autoria dos educadores do MEC e denunciando a ameaça que representa o substitutivo Lacerda, mais uma vez se coloca no lado das forças progressistas, que não têm lutado contra as determinações do subsistema educacional.

EM BREVE O HOMEM ESTARÁ NA LUA

V. KOMAROV

Astrônomo soviético, do Planetário de Moscou

ao que parece, do «trabalho» realizado por meteoritos sobre a superfície lunar, não defendida por uma camada atmosférica. Alguns cientistas estão inclinados a acreditar que os golpes dos meteoritos — verdade é que bastante grandes — representaram importante papel também na formação das crateras da Lua.

HIPÓTESE

Em outras palavras, as montanhas anulares da Lua não passam a ser ver, de funis peculiares, feitos pelos meteoritos. No entanto, está mais em voga outro ponto-de-vista, que atribui a formação das crateras da Lua a uma atividade vulcânica que, segundo muitos indícios, foi outrora bastante intensa. A hipótese vulcânica da formação do relevo da Lua não teve até hoje, porém, confirmação cabal.

Ultimamente vem atraindo a atenção dos astrônomos a cratera «Alfonse». Essa imensa cratera, com mais de 130 km de diâmetro, está situada quase no centro do disco lunar. As pesquisas mais detalhadas da mesma foram feitas pelo Prof. Kaziriov, por meio do grande telescópio-refletor montado no Observatório Astrofísico da Crimeia. Certa vez esse cientista soviético conseguiu uma extraordinária fotografia do pico central da cratera «Alfonse». Em comparação com outras fotografias, esse pico tinha colorido avermelhado. Duas horas depois o resplendor do pico central aumentara quase duas vezes, fenômeno que se prolongou por cerca de meia hora, depois do que a cratera «Alfonse» novamente adquiriu o aspecto costumeiro. Essa explosão foi também observada, simultaneamente com o prof. Kaziriov, pelo cientista Ezeiski, do Observatório de Karkov, que conseguiu estabelecer ter havido no momento da explosão na cratera do «Alfonse», a emissão de carbono, uma das características dos processos vulcânicos.

O novo foguete cósmico soviético abre novas perspectivas para a pesquisa de nosso satélite natural, a Lua, e do espaço interplanetário.

Um estudo cuidadoso de fotografias da Lua revela que sua superfície é coberta de cadeias de montanhas — cuja altitude varia de oito a dez mil metros — fendas e montanhas em forma de anel. Estas lembram a cratera de vulcões terrestres, mas são de proporções incomparavelmente maiores. Algumas das crateras chegam a 300 km de diâmetro. Além disso, há na lua cavidades planas e lisas, denominadas convencionalmente de «mares».

Um dos estudiosos da Lua afirmou, certa vez, que a superfície lunar é um livro em que se pode ler sua história. Esse livro realmente existe, e bem ilustrado, lamentavelmente, porém, até hoje poucas de suas páginas foram lidas. Isto se explica, sobretudo, pelo fato de que cerca de metade das páginas desse livro por enquanto nos são inacessíveis. Jamais alguém viu o lado oposto da Lua e, embora não haja motivo para supor que esse lado por nós desconhecido se distinga muito da parte conhecida, seu estudo seria, no entanto, de grande interesse científico. Contudo, também quanto à parte da Lua acessível à observação, há toda uma série de problemas controversos.

150 GRAUS DE FRIO

É de grande interesse, por exemplo, saber-se de que consiste a superfície do satélite da Terra, qual a sua estrutura. As pesquisas realizadas pelo prof. Barabachov, astrônomo soviético, revelaram que na Lua quase não há superfícies lisas. As diversas rochas que formam a superfície lunar estão sujeitas a intensas variações de temperatura. A diferença entre a temperatura do dia e a da noite é muito grande em consequência da falta de atmosfera. Durante a noite a temperatura da superfície lunar chega a 150 graus abaixo de zero. Logo que desponta o dia porém, se eleva rapidamente, chegando a 130 graus acima de zero.

Observou-se, também, que durante os eclipses da Lua, quando as diversas partes de sua superfície ficam cobertas pela sombra da terra, sua temperatura baixa vertical e bruscamente, o que atesta que a camada superior da superfície lunar é muito má condutora de calor. O Prof Markov, cientista soviético, demonstrou que toda a superfície lunar consiste de materiais porosos de estrutura esponjosa. Trata-se

MUDANÇAS DE CÔR

A descoberta de um vultoso em atividade na Lua lança nova luz sobre toda uma série de outros fenômenos que se observam na superfície de nosso satélite.

Trata-se, antes de tudo, da modificação da cor de certas partes da superfície lunar, em geral de cor cinza. Por muitos quilômetros estende-se uma região coberta de montes e montanhas em direção nordeste, a partir das montanhas anulares de Aristarco e Heródoto. Comumente essa região tem quase a mesma cor das partes restantes da superfície lunar. No entanto, pouco antes da lua cheia, toda ela se torna amarelado-verde, e não se trata de leve fumaça colorida e sim de viva coloração da própria superfície. Próximo ao centro do disco lunar surge uma mancha imprecisa, bastante grande, que cobre até mesmo algumas cadeias de montanhas, tanto que seus cumes se tornam mal distintos, assemelhando-se muito a uma sombra, embora não o seja.

Tanto neste como em numerosas outras casos as modificações da cor ocorrem periodicamente, de acordo com as fases da Lua, isto é, com a variação da altura do Sol sobre o horizonte lunar. O Prof. Barabachov, astrônomo soviético, julga que as manchas que surgem na superfície da Lua são algo do gênero de uma leve escuridão. Certos pesquisadores, porém, são de opinião que as modificações periódicas da cor de certas partes da Lua podem ser provocadas por certos processos vegetais.

O HOMEM IRÁ À LUA

Essa afirmação pode parecer estranha, porque na Lua não há praticamente atmosfera, não há nenhuma água e ocorrem variações de temperatura extremamente bruscas. Por outro lado, porém, não está excluída a possibilidade de existir ali organismos vegetais inferiores de vida breve, que podem viver na atmosfera do gás carbônico que se desprende das fendas situadas no fundo de certas crateras e que retiram do solo as substâncias alimentares que lhes são necessárias.

Hoje, ninguém mais dúvida de que está próximo o dia em que o homem percorrerá a superfície da Lua e seus segredos serão definitivamente desvendados.

Objetivos Científicos do Foguete Lunar

Com o lançamento do segundo foguete lunar, os cientistas soviéticos se propõem os seguintes objetivos, além de atingir a face da Lua:

- 1) Estudar o polo magnético da Terra e o polo magnético da Lua;
- 2) pesquisas da intensidade e variações da intensificação das radiações cósmicas;
- 3) realizar estudos dos núcleos pesados nas radiações cósmicas;
- 4) pesquisar os componentes gasosos da matéria interplanetária;
- 5) pesquisar as partículas de meteoros.

Precisamente para serem transmitidas à terra as informações necessárias para esses estudos, foram instalados no foguete complexos aparelhos aos quais estavam ligados transmissores de rádio operando em diferentes frequências.

Como todas as emissoras funcionaram perfeitamente até a queda do foguete na Lua, e de supor que os sabios soviéticos tenham obtido um abundante material para o estudo da superfície da Lua e do espaço interplanetário.

COMBUSTÍVEL — O GRANDE SEGRÊDO DO FOGUETE LUNAR SOVIÉTICO

Nota da Redação — De um artigo do candidato a Doutor em Ciências Técnicas, Yuri Krilov, na URSS, destacamos os seguintes trechos relativos sobretudo ao combustível utilizado pelos foguetes cósmicos soviéticos, um dos segredos da ciência soviética neste terreno.

É natural que o pensamento de cada pessoa se dirija, em primeiro lugar, para o poderoso foguete que, vencendo a gravitação terrestre e superando a segunda velocidade cósmica, pôde enviar à Lua um laboratório volante de peso extraordinário.

A descrição de um foguete moderno ocuparia muitos volumes, mas algumas linhas de caráter geral bastam para dar uma idéia das dificuldades científicas e técnicas superadas pelos entusiastas construtores de foguetes, a começar na época de K. Tsiolkovski.

Um foguete capaz de desenvolver velocidades que, do nosso habitual ponto-de-vista, são gigantescas, isto é, 28.000 a 10.000 quilômetros por hora, deve ser posto em movimento por poderosos motores a jato. Os projetistas gastaram muitos anos para criar motores capazes de desenvolver a maior tração possível e ao mesmo tempo diminuir o peso do próprio foguete. Não basta a simples redução do peso do foguete, falando-se em termos gerais. Já Tsiolkovski propunha o princípio de foguetes de muitas fases, cada fase sendo constituída por um motor cont

depois independente. As fases se desprendem sucessivamente, à medida em que se gasta o combustível. Depois de desligar-se o último motor — o que acontece já nos primeiros minutos de vôo — o foguete continua, por inércia, sua trajetória no espaço.

Um foguete desse tipo possui uma colossal reserva de energia. Usando-se o conceito habitual de potência, pode-se calcular que um foguete com uma tração de 100 toneladas, por exemplo, estará com uma potência de cerca de 7.500.000 HP ao alcançar a velocidade de 20 mil quilômetros por hora.

A maior parte do peso do foguete, cerca de oitenta por cento, corresponde ao combustível. Pode-se diminuir seu peso unicamente se constituirmos um motor muito econômico.

Os princípios para criar semelhantes motores foram estabelecidos por K. Tsiolkovski e são: emprego de carburante de elevado coeficiente calorífico e queima em câmaras de combustão com a maior pressão possível. Trata-se, praticamente, de fabricar motores que funcionem com uma pressão, na câmara de combustão, de 50 a 100 atmosferas, e a uma temperatura de 3.000 a 3.500 graus. Para ter-se uma idéia do caráter extraordinário dessas condições basta dizer que, pela quantidade de calor que se desprende cada segundo, por unidade de volume, da câmara de

YURI KRILOV

combustão, os motores a jato com combustível líquido superam, por exemplo, centenas de vezes os dos automóveis e mil vezes as caldeiras a vapor.

Nos modernos e poderosos foguetes, como, por exemplo, o foguete norte-americano Atlas, em geral se instalam vários motores porque é problema até agora não resolvido criar câmaras de combustão capazes de desenvolver uma tração de várias centenas de toneladas.

O funcionamento de vários motores cria, porém, grandes dificuldades. É preciso assegurar que trabalhem em uníssono e com uniformidade, e dosificar rigorosamente o combustível que os alimenta. É particularmente importante que o motor de cada fase se desligue com toda precisão. Da exatidão com que o foguete atinja a velocidade prevista e mantenha a direção do vôo no momento em que seus motores deixem de funcionar depende seu destino posterior. Nesta particularidade um erro seria fatal, até mesmo de um centésimo por cento.

O lançamento de um novo foguete cósmico é mais uma confirmação do colossal poder da ciência e da técnica soviéticas, capazes de resolver os problemas mais complexos. Compreende-se que esses êxitos se tornaram possíveis unicamente graças ao trabalho planejado e orientado para um mesmo fim de grandes equipes de cientistas e técnicos;

matemáticos, físicos, especialistas em aerodinâmica e térmica e técnicos de rádio, atividade recompensada pela criação de um poderoso instrumento que permite estudar de forma ativa o firmamento.

UM POUCO DE ESTATÍSTICA

Até mesmo quando se trata de problemas do Cosmo não se pode passar sem os confrontos estatísticos.

Façamos um retrospecto das etapas do grande caminho percorrido triunfalmente pelos pioneiros soviéticos das rotas interplanetárias até a magnífica data de 12 de setembro de 1959.

Não vamos citar os milhões de quilômetros percorridos na órbita em torno da Terra e do Sol e os milhões de cavalos de força que lançaram nossos emissários da Terra nas profundidades siderais. Estas cifras são astronômicas!

Pelo peso dos laboratórios cósmicos se pode apreciar a perfeição dos foguetes que os conduzem e o volume das investigações científicas realizadas pelos cientistas soviéticos.

Vejam os dados:

Primeiro satélite artificial da Terra — 83,6 kg; Segundo — 508,3 kg; Terceiro — 1.327 kg; Primeiro satélite artificial do Sol — 361,3 kg.

E a 12 de setembro começou a voar para a Lua uma cápsula com aparelhos de medição, com o peso de 390,2 kg.



Qual Será a Próxima Etapa?

Em geral, pode-se pensar que, uma vez atingida a superfície da Lua pelo foguete soviético, será simples agora a viagem do homem ao nosso vizinho mais próximo.

Não é assim, a menos que se quisesse sacrificar vidas humanas. E não é este o caso. Os cientistas da URSS têm dito reiteradamente que se enviarão um homem ao espaço depois de terem a certeza de que ele poderá voltar à Terra. Para isto têm realizado primeiro as experiências com animais, sobretudo cães, a fim de conhecer as reações de um organismo vivo no meio cósmico.

O próprio foguete enviado à Lua não alunissou; mas caiu em cheio da superfície do nosso satélite natural, destruindo-se naturalmente. Assim, é necessário garantir ao homem, quando atingir a Lua, uma perfeita alunissagem, isto é, assegurar a descida lenta da nave cósmica que o conduzirá.

Admite-se, em geral, que a fase se-

guinte será fazer com que vá até à Lua um foguete que, depois de girar em torno dela, possa voltar à Terra. Quando se conseguir isto, o homem terá assegurada a possibilidade de descer na superfície lunar.

Mas há outro problema. A atmosfera da Lua é muito mais rarefeita do que a Terra. Teoricamente, será menos difícil descer na Lua, devido mesmo a rareficação atmosférica, que ofereceria menos resistência à nave cósmica terrestre. Mas esta operação pressupõe ainda que essa nave deverá conduzir combustível suficiente para a volta à Terra.

O problema é importante e os cientistas o levam em conta.

Por ora, os cientistas, os astronautas, se contentarão em enviar um foguete que grave em torno da Lua e a seguir volte à Terra.

Se isto for conseguido, estará assegurada a ida e volta do homem à Lua e, a seguir, a Marte, Venus e outros planetas.

UTOPIA DE ONTEM, REALIDADE DE HOJE

RUI FACÓ

«Propaganda», bradou o «New York Times» ante o discurso de Nikita Kruschiov na ONU em favor do desarmamento universal completo.

«Inexequível!», exclamam outros órgãos de imprensa de diferentes países.

«Utopia!», consideram outros.

E' bem verdade que encontrou também ampla repercussão positiva entre os povos a importante proposta de desarmamento do Primeiro-Ministro da União Soviética. O governo inglês opinou que se trata de um plano «digno de minucioso exame» e que pode ser harmonizado com o plano britânico. Até mesmo na Alemanha Ocidental não puderam repelir levemente a proposta do governo da URSS. E o «New York Post», jornal da grande burguesia americana, foi obrigado a reconhecer que a proposta de Kruschiov às Nações Unidas «reflete um dos mais nobres sonhos do homem civilizado» e que, ao oferecer-lhe, «o governante russo fez explodir uma bomba de propaganda que terá enorme e efetiva repercussão».

Uma das reações mais comuns foi que já na Conferência de Desarmamento em Genebra, em 1927, e na Liga das Nações, em 1932, o representante da URSS, o famoso Litvínov, havia apresentado propostas semelhantes.

Sem irmos a detalhes, admitamos que então, e hoje os projetos são idênticos. Seu objetivo é realmente um só — o desarmamento universal total. Mas a verdade é que hoje, muito mais do que há 30 anos passados, é muito mais generalizada e profunda a consciência da necessidade e da possibilidade do desarmamento universal e total.

Naquela época a guerra ainda estava limitada às Forças Armadas, aos exércitos, frotas, aviações em linhas de frente mais ou menos demarcadas. Hoje, uma guerra não se assemelharia mais nem à Segunda Guerra Mundial, que transbordou das linhas de frente e des-

truiu cidades inteiras, levando a morte à população civil, sacrificando 30 milhões de vidas humanas (sem contar os feridos e inválidos). Naquela época, o alcance dos projéteis era de alguns quilômetros apenas. Hoje, os balísticos intercontinentais não têm mais limite e podem atingir qualquer parte do globo terrestre, conduzindo cargas de explosivos que eliminam grandes cidades no espaço de minutos e tornar inabitáveis zonas imensas. Diante deles, a própria aviação se torna antiquada. Os Exércitos por si sós são impotentes. As formações navais, como teria dito certo estadista, ficariam reduzidas a esquifes de suas próprias guarnições.

Além disso, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, pelo menos meia dúzia de países eram grandes potências militares — Estados Unidos, Alemanha, França, Grã-Bretanha, Japão, União Soviética e alguns deles permaneciam grandes potências coloniais. Tinham massas de mercenários e riquezas à mão. Hoje, a Inglaterra e a França (sem falar nos derrotados da Segunda Guerra) estão praticamente anuladas como forças militares decisivas numa guerra mundial. Já em 1956 eram obrigadas a retroceder na sua agressão contra o Egito, ao simples aceno de represálias por parte de um país que se solidarizou com o povo agredido — a URSS. Quer dizer, na prática, todos os demais países do mundo — os da América Latina, Brasil inclusive, todos os países da África, a maior parte dos países da Ásia e da Europa — estão «desarmados» para uma guerra moderna. E talvez nenhum deles tenha recursos — econômicos, materiais e humanos — para concorrer nos próximos anos e por um longo período no domínio dos balísticos intercontinentais (que se aperfeiçoam dia a dia), das custosíssimas armas atômicas e de hidrogênio.

Pela força da inércia, esses países «desarmados» são obrigados atualmente a realizar gastos já inúteis na manutenção de forças armadas cada vez mais antiquadas, de armamentos que já saem obsoletos das fábricas.

Será possível que os povos da quase totalidade dos países — fora da União Soviética e dos Estados Unidos — vão admitir indefinidamente que seus governos efetuem despesas desnecessárias, porque inúteis, na manutenção de Forças Armadas que são apenas um peso no orçamento nacional, subtração de homens da produção de bens para Exércitos impotentes; e que continuem aumentando os impostos que recaem sobre o povo para pagamento de tais despesas?

Forçosamente, a consciência desta realidade vai se apossando de milhões de pessoas em cada país. E esta consciência é um fator psicológico importantíssimo em favor do desarmamento geral e completo. As massas populares que sentem este anseio se voltarão naturalmente para as forças e países que dirijam suas ações no sentido do desarmamento.

Mas, quando se alega que já há três décadas a URSS marchava neste sentido, é preciso lembrar também a diferença radical entre a União

Soviética de 30 anos passados e hoje. E' a diferença entre as crianças que apenas dá os primeiros passos e o adulto na plenitude de suas forças e energias. E isto é bom não esquecer. Então, as forças decisivas na política internacional eram as do capitalismo; hoje, o capitalismo tem de se conformar a coexistir ao lado de uma série de países socialistas e o socialismo se espalha por todos os continentes. O capitalismo não resolve mais sozinho os assuntos mundiais.

Utopia o desarmamento? Mas o socialismo também foi uma utopia e hoje é uma realidade. Era utopia chegar à Lua; é hoje uma certeza para o nosso tempo.

Dizia o nosso Euclides da Cunha que «as grandes aspirações sociais imaginosas e vãs recordam na ordem espiritual o vago e o amorfo das nebulosas de onde nascem os mundos». O desarmamento universal total se transformou de uma dessas grandes aspirações sociais em possibilidade real na época em que vivemos. E a humanidade, que, como o indivíduo, possui instinto de conservação, o transformará em realidade.

JK QUER MESMO TIRAR DO AR A RÁDIO NACIONAL

(Conclusão da 7.ª página)

plices o superintendente Mário Pires e o diretor Moacyr Arêas, o governo e Chateaubriand, aparentemente, se acomodaram. Mas isso, apenas, por alguns meses. Porque, agora, voltam a investir contra a grande emissora.

Pensa o governo em transferir para Brasília os canais de 50 quilowatts, de ondas curtas e médias, da Rádio Nacional. Em consequência, nada menos de 700 famílias perderão sua fonte de manutenção, 700 funcionários, artistas, técnicos, burocratas, etc., estarão desempregados. E será dissolvida a maior estação de rádio da América do Sul, para que os monopoliza-

dores se mantenham livres, sem concorrência, satisfazendo, sobretudo, à sua própria ganância, sem se preocuparem com o imenso sacrifício que isso representará para os trabalhadores do rádio.

DEMISSÃO EM MASSA

1 SUPERINTENDENTE

Mário Pires e o diretor geral Moacyr Arêas informam, inclusive em nota oficial, que não têm fundamento as notícias veiculadas nesse sentido. Mas, enquanto desmentem, pedem à contabilidade da emissora o montante das indenizações que terão de pagar aos de-

Teoria e prática

PONTOS-DE-VISTA SECTÁRIOS

De um leitor que se assina Marco Pólo (Curitiba — Paraná) recebemos um artigo sob o título «Governo e regime» em que são expostas, fundamentalmente, as seguintes teses:

1) O episódio do aumento da carne verde deixou bem clara a natureza de classe do Governo: um Governo burguês, que nada pode fazer em defesa dos interesses do povo.

2) E' falso esperar que sob esse Governo e esse regime seja possível a solução dos problemas do povo.

3) A única solução possível é a luta do povo pela posse do poder, luta que tem, inevitavelmente, sentido socialista.

Apresentada embora de forma esquemática, esta parece ser a essência do pensamento que «Marco Pólo» procurou desenvolver em seu artigo. Não sendo possível, nos limites desta seção, debater amplamente os problemas suscitados pelo leitor, achamos conveniente, entretanto, manifestar, mesmo em poucas palavras, nosso ponto-de-vista em torno da questão.

Parece-nos que a posição de «Marco Pólo» é idealista e sectária. Em primeiro lugar, ele não leva em conta a etapa da revolução em que nos encontramos — antilimpialista e antifeudal, e não socialista — em que os problemas principais a resolver são os que decorrem da contradição entre o imperialismo (particularmente o norte-americano) e a nação brasileira e não, apesar de fundamentais, os que derivam da contradição entre o proletariado e a burguesia. Daí resulta que a única tática acertada a ser seguida pela classe operária é a frente única, em que se devem congregiar todas as classes, camadas e grupos sociais na luta pela emancipação nacional e o progresso independente do país. No entanto, caso prevalecesse a concepção exposta por «Marco Pólo» a luta seria dirigida principalmente não contra o imperialismo e seus agentes no país, mas contra a burguesia. Não se cria, assim, a frente única, as forças antilimpialistas se enfraqueceriam pela dispersão e os monopólios estrangeiros continuariam facilmente a manter o seu predomínio nos diferentes setores da vida nacional. E' claro que, desse modo, não se conquistaria a libertação nacional, multissimamente remota estaria a perspectiva da conquista da libertação social da classe operária e de todos os explorados e oprimidos.

Além do mais, qualquer que seja a etapa da revolução em que nos encontramos, a própria concepção da luta pelo poder, como a apresenta «Marco Pólo», é idealista e sectária. Partindo de que «nada é possível esperar sob o atual regime», o autor do artigo chega à conclusão de que, se quisor tomar o Poder, a classe operária (que então não poderia ser confundida com o «povo» em geral, como faz «Marco Pólo») deve renunciar a toda luta pela conquista de qualquer me-

thoria, de qualquer concessão das classes dominantes, para se lançar diretamente no assalto ao Poder. Semelhante concepção «ultra-esquerdista» nada tem de comum com o marxismo-leninismo. E' um ponto-de-vista puramente idealista, que Lenin repeliu inúmeras vezes em seus trabalhos ao mostrar que as massas só se lançarão nos combates de classe decisivos na medida em que, através da luta pelas reivindicações imediatas, adquirem uma inabalável consciência revolucionária, atingem um elevado grau de organização e conseguem isolar, para mais facilmente golpear, os seus inimigos fundamentais. Recusar a luta pelos objetivos imediatos é, assim, sob a aparência de um radicalismo-revolucionário, condenar a classe operária e as massas trabalhadoras a um pioramento progressivo de sua situação econômica e à impotência para travar, na vida real, a verdadeira luta pelo Poder.

Ainda uma observação: não é verdadeira a afirmação de «Marco Pólo» de que nada se pode conseguir sob o atual Governo e o atual regime. Antes de tudo, é falso dizer-se que este é um Governo só da burguesia, quando ele, de fato, representa um compromisso entre diferentes classes de nossa sociedade. Esta circunstância de ser um Governo heterogêneo em sua composição, leva-o a ser sensível a pressões de origens as mais diversas — desde a que é exercida pelos monopólios imperialistas até a que é feita pelas forças nacionalistas e democráticas, pelo movimento operário e as massas populares. E a história política de nosso país nestes últimos anos, comprova-o suficientemente. Sempre que as massas, fortes por sua unidade, se lançam em determinadas lutas, têm possibilidades de obter certas reivindicações. Por outro lado, as derrotas sucessivas impostas às manobras contra o monopólio estatal do petróleo indicam, como um exemplo, que o movimento nacionalista, quando atua à base de uma sólida frente única, pode impedir novos atentados imperialistas e dar novos passos no caminho para a emancipação nacional.

A aceitação dos pontos-de-vista sectários expostos por «Marco Pólo», resultaria num desastre político: levaria as forças antilimpialistas e democráticas, o movimento operário e as massas populares à passividade e, dessa maneira, a não permitir que elas avancem gradualmente, e bilite em seus principais inimigos e se tornem cada dia mais poderosas.

Abordamos aqui, sumariamente, apenas alguns aspectos da questão. Recomendamos por isso a «Marco Pólo» e a todos os que se interessam por tais problemas, a leitura da «Declaração Política» dos comunistas, de março de 1958, e o trabalho de Luiz Carlos Prestes «A situação política e a luta por um Governo nacionalista e democrático».

sem empregados e Moacyr Arêas concede entrevista ao «Diário Carioca», informando que a Nacional de Brasília terá 50 quilowatts nas antenas, tanto na de ondas curtas como na de ondas médias. Ora, a distribuição de canais de 50 quilowatts é competência internacional. Brasília não te-

ria mais onde ir burocratas, porque não existem. As estações que os possuem — claro — não vão parar de funcionar, para um benefício generoso à Nova Capital. Portanto, Moacyr Arêas, sem querer, veio confirmar as suspeitas dos empregados. Isso é preciso, agora, evi-

tar. Esta é a luta atual dos funcionários e artistas da grande emissora. Não comparam as indenizações. Querem continuar trabalhando, produzindo, dentro daquilo que lhes próprios construíram. Querem que o patrimônio, que é deitar lhes cada entresu.

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO (XXXI)

COM a Comuna de Paris coroa-se o importante período histórico aberto com as revoluções de 1848 na Europa. Durante esse turbado quarto de século o que se processou essencialmente na arena social foram diversas reformas de caráter burguês que, de maneira mais clara e acabada nuns países, mais confusa e menos definida em outros, levaram à consolidação, em conjunto, da sociedade burguesa, capitalista, em toda a Europa.

No Ocidente, as revoluções burguesas terminaram. O Oriente não está ainda maduro para elas (Lenin, «Vieses históricas da doutrina de Carlos Marx»). Como vimos, o marxismo ao longo daqueles anos não logrou ser, no seio do movimento operário, mais que uma das numerosas correntes socialistas existentes. O que predominou foram formas inconsequentes do socialismo, verdadeiras máscaras teóricas e ideológicas sob as quais, em última análise, se disfarçavam entre as fileiras do proletariado as necessidades objetivas do desenvolvimento do capitalismo. O esmagamento da Comuna assina o início de um novo período histórico fundamental período de des-

envolvimento relativamente pacífico do capitalismo, durante o qual ele atinge sua etapa superior — transformando-se em imperialismo e entra, assim, em processo de decadência e de decomposição.

«O Ocidente entra na etapa de preparação «pacífica» para a época das futuras transformações» (Lenin, obra citada). Formam-se por toda parte, durante essa etapa, partidos socialistas dotados de base proletária e que aprendem a utilizar o parlamentarismo burguês, a criar sua imprensa diária, suas instituições culturais, seus sindicatos, suas cooperativas.

Período de acumulação de forças lenta mas firme do proletariado. Ele se caracteriza pelo completo triunfo teórico da doutrina marxista e por sua franca expansão. Quando, em 1889, se restabeleceu formalmente a organização internacional do movimento operário, com a criação do II Internacional, esta surgiu como união de numerosos partidos socialistas colocada, no essencial, no terreno do marxismo.

ESTA situação obrigou os inimigos do socialismo científico — os portadores

A Etapa Relativamente «Pacífica» de 1871 a 1917

da ideologia liberal, internacionalmente apodrecida pela ação impiedosa do desenvolvimento histórico, — a disfarçarem-se de marxistas. O socialismo pré-marxista, com efeito, derrotado teoricamente no curso do período anterior em suas sucessivas formas doutrinares, — desde o proudhonismo até ao bakuninismo, — não teve outro recurso senão travestir-se de marxismo para poder lutar contra a doutrina marxista.

A considerável experiência reunida pelo movimento operário nas pequenas e grandes batalhas de classe feridas durante as três décadas anteriores, o estabelecimento da democracia burguesa resultante da consolidação do regime capitalista, o caráter relativamente «pacífico» do desenvolvimento no período histórico que se abria, — tudo isso facilitava ao proletariado realizar a nova tarefa revolucionária que necessariamente se colocava diante dele: acumular forças para as futuras batalhas decisivas de classe, que surgiriam inevitavelmente como auges das contradições inerentes ao capitalismo.

acirrada cada vez mais pelo próprio desenvolvimento desta.

Mas os inimigos do marxismo, interpretando como sempre a realidade às avessas, saíram a campo para confundir e envenenar as massas trabalhadoras. Para eles, a experiência anterior não era um dos pontos de partida para a revisão consequente da antiga tática, para o enriquecimento da tática geral da luta proletária. Era um assunto encerrado. A democracia burguesa, o parlamentarismo, não tinham por que ser utilizados pelos operários como instrumento de sua luta de classe, pois o sufrágio universal tirava ao Estado o seu caráter de órgão de dominação dos exploradores, permitia ao proletariado, por maioria, chegar ao poder e ao socialismo, num ambiente de «paz social». A perspectiva das batalhas futuras era substituída pela afirmação pura e simples de que não haveria mais batalhas de classe, pois, com a concentração do capital, com o surgimento dos trusts e cartéis, desapareceriam as

anarquia da produção e as crises cíclicas do regime capitalista.

Foi assim que, acobertando-se sorrateiramente com a «necessidade» de «emendar» a doutrina marxista para adaptá-la às condições do novo período, surgiu e tomou corpo internacionalmente a corrente oportunista de direita do revisionismo, que teve seu maior corifeu na figura dum ex-marxista ortodoxo, o social-democrata alemão Bernstein.

O fato de que o revisionismo tivesse encontrado seu mais ruidoso porta-voz na Alemanha não foi certamente casual. «A guerra de 1870-71 e a derrota da Comuna tinham, como predissera Marx, transferido provisoriamente da França para a Alemanha o centro de gravidade do movimento operário europeu» (Engels, «Introdução» e «As Lutas de Classes na França», de Marx). O partido dos socialistas alemães, empregando com audácia a tática nova, isto é, utilizando eficazmente o sufrágio universal como método de luta inter-

amente novos, aproveitou ao máximo as condições objetivas favoráveis e transformou-se no «partido mais forte, mais disciplinado e em mais rápido crescimento» de toda a Europa, reunindo em torno de si «a massa mais numerosa, mais compacta, a força de choques decisiva do exército proletário internacional» (as expressões entre aspas são de Engels). Não é pois de admirar que fosse também a Alemanha da época o berço do mais rematado «emendador» de Marx.

OS consideráveis êxitos obtidos em toda a Europa pelo movimento operário não se deram, entretanto, sem um rebatimento do nível revolucionário da luta. O caráter relativamente «pacífico» do período compreendido entre 1871 e 1914 alimentou o oportunismo, primeiro como estado de ânimo, em seguida como tendência e, finalmente, como grupo ou setor de burocracia operária e companheiros de viagem pequeno-burgueses» (Lenin, «O oportunismo e a bancarrota do II Internacional»). Assim, no início do século XX, com o rápido amadurecimento da primeira grande crise do sistema mundial do capitalismo, o centro do movimento revolucionário

do proletariado transferiu-se para a Rússia semicolonial e imperialista grávida de contradições e onde, em luta aberta contra o oportunismo da II Internacional, surgiu e se desenvolvia o partido proletário de novo tipo, o partido comunista marxista-leninista, o partido da época da revolução proletária madura.

A contradição entre o oportunismo dominante na direção da II Internacional e o caráter real, revolucionário, do movimento operário era um tumor que um dia haveria de rebentar, e rebentou» (Lenin, obra citada).

E rebentou afinal porque, contrariamente a todas as «previsões» revisionistas e em acordo com as bases fundamentais do marxismo, o período de desenvolvimento relativamente «pacífico» desembocou na primeira guerra imperialista mundial de 1914-18, culminando com a vitória, na antiga Rússia, da Grande Revolução Socialista de Outubro, que abriu uma era nova na história da humanidade.

Eis, a largos traços, o panorama do período da história do movimento operário que passaremos a estudar nos próximos capítulos desta obra.

NO TERRITÓRIO DO RIO BRANCO :

Apreendido e Fotografado
Avião Americano Com
Contrabando De Monazita!

Depois da semana passada perante a Comissão Parlamentar de Inquérito encarregada de apurar a existência e a intenção de contrabando dos recursos naturais do país, o coronel Lúcio Guedes, diretor do Serviço de Proteção aos Índios, abriu mais um capítulo da tenaz história da dilapidação do contrabando de nossos minérios raros. Em seu depoimento, o coronel Guedes, referindo-se à Amazônia, denunciou a existência de 100 campos de pouso clandestinos, destinados ao contrabando de areia monazítica

e outros minérios para a Guiana Inglesa. Ainda em março deste ano, o país teve conhecimento do escândalo e enorme contrabando de areia monazítica em Paranaguá. Entretanto, apesar das provas inofensivas apresentadas na ocasião, inclusive por uma comissão de inquérito da assembleia estadual do Paraná, chegaram aos desmentidos oficiais e o assunto foi arquivado, com o beneplácito final do almirante Otacílio Cunha, presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear e alto defensor dos interesses estrangeiros interessados nos nossos recursos em minérios raros. Até agora, o almirante ainda não souou sua voz aos desmentidos dos que foram acusados pelo coronel Guedes, mas isto não deve tardar muito.

Evangelização Mundial, no caso do Território do Rio Branco, obtém permissão oficial para catequizar os índios da região. Segue para lá, tendo o cuidado de levar consigo alguns missionários que, além dos conhecimentos doutrinários, sejam também técnicos em geologia e mineralogia, ou possuam material de rádio. Localizadas as regiões ricas em minérios (por exemplo, as margens dos rios Alto Cotingo e Uruacoeira), os missionários comunicam-se com a matriz nos Estados Unidos e providenciam a construção de campos de pouso clandestinos para os aviões da empresa, com capacidade para 500 quilos de carga. Esse trabalho é relativamente fácil, pois a região é plana e arenosa. Servindo-se das relações das missões com os indígenas, abusam de sua ignorância e os exploram para o trabalho de coleta do minério e seu embarque nos aviões. Para os índios, os diamantes, a areia monazítica e o minério de urânio não passam de sacos de cascalho e de areia.

Depois de oito anos deste trabalho, as empresas minério-religiosas já contam com completa levantamento aerofotogramétrico de toda a região amazônica onde atuam. Operam, assim, em condições bastante lucrativas e com grande margem de segurança, pois não se deve esquecer que a FAB já constatou a existência de mais de uma centena de tais campos localizados pelas mapas da "Muceljay Aerial Survey", utilizados pelos contrabandistas.

de espantar, desse modo, que proliferem as missões religiosas e que agora comecem a surgir também missões de outros tipos, interessadas no patrimônio cultural dos indígenas brasileiros.

Debate na UNE
Sobre Capital
Estrangeiro

Dando prosseguimento ao mês de Reivindicações Nacionais, a UNE realizou sexta-feira, dia 25, às 10 horas, em sua sede, um debate sobre "Regulamentação do Capital Estrangeiro". Participaram do debate diversos parlamentares. A entrada é franca.

MISSÕES MINERIO-RELIGIOSAS

A história do contrabando de minérios raros na Amazônia é mais ou menos a seguinte. Um grupo de missionários protestantes (por exemplo, a Cruzada de

BONS SERVIÇOS

Em vista da precariedade das informações existentes sobre o contrabando de minérios e de diamantes na Amazônia, não se pode ter uma visão exata dos prejuízos que causam à nação. Devese, porém, lembrar que estão sendo pilhados recursos que não são de modo algum inesgotáveis e cuja importância para o desenvolvimento futuro do país é imensa. Basta dizer que o valor do lócio, encontrado na areia monazítica, tendo-se em conta sua utilização energética é de mais de cinco mil dólares por quilo.

Por outro lado, é preciso não esquecer que as atividades das missões protestantes, como a Cruzada de Evangelização Mundial, a missão Novas Tribus e outras, não visam apenas a areia monazítica. Em seus 8 anos de bons trabalhos, os contrabandistas pilharam também diamantes e muito possivelmente, urânio. Não

DANTE LEONELLI
CANDIDATO NACIONALISTA
À CÂMARA DE CURITIBA

CURITIBA (Do Correspondente) - Para o próximo pleito municipal de 3 de outubro, as forças nacionalistas curitubanas estão apresentando como candidato à Vereança Dante Leonelli.



DANTE LEONELLI

FRANCISCO JULIÃO...

(Conclusão da Página 7) e Paraná. Daí o Recife ser a capital da miséria. Das 140 mil casas do Recife, 90 mil são mocambos feitos de palha de coqueiros que se reúnem em ruas sobre os mangues, alagados e mortos da Mauricéia. O próprio ex-governador Cordeiro de Farias informou em mensagem ao Legislativo existir cerca de 250 mil pessoas no Recife que saem de casa, pela manhã, sem saber o que trazer de alimentação para os seus filhos, vivendo, pots, de biscates e de pequenos furtos. Dos 11 mil óbitos registrados em 1958 no Recife, 8.320 eram de crianças de zero a um ano de idade. Eis a decorrência da miséria que campeia no campo. Na zona do açúcar a mortalidade infantil assume proporções assombrosas, superiores a 60% e, em alguns lugares, a 70%.

nes. Há quem o chame de Hochi-Min por achá-lo muito parecido com o lido dos camponeses dos arrozais da Indo-China. Paciente como poucos (paciência oriental) é capaz de passar semanas inteiras, doze, quinze e vinte horas por dia, ouvindo as centenas de camponeses que procuram sua casa, na rua Cruz Macedo 99, que já se transformou em um templo, dado a enorme e diária romaria. Lá se encontra um homem magro, de baixa estatura, de olhos oblíquos, imberbe, de voz mansa e delicada, escrevendo cartas aos camponeses e lhes dando conselhos para que resistam à corrupção e à violência sem se utilizar nem de uma e nem de outra, mas somente da Lei. Isso porque — conclui sempre Julião — chegou a hora dos camponeses e da Reforma Agrária e força nenhuma poderá impedi-la.

NO ARSENAL DE MARINHA
VAZIOS OS ENVELOPES
DE PAGAMENTO

O mês de agosto veio surpreender cerca de 800 servidores do Arsenal de Marinha, quando, no dia 21, receberam vazios os envelopes de pagamento. O diretor do Arsenal, Coronel Adhemar Pinto, fundou um Centro de Assistência Social, cujos resultados têm sido catastróficos para os servidores. Para facilitar a elaboração das folhas de pagamento, as administrações anteriores descontavam dos vencimentos do mês subsequente os débitos contrai-dos através de compras feitas no Armazém Reembolsável ou na Farmácia do Arsenal. Assim, os servidores do estabelecimento podiam controlar seus orçamentos, o que lhes permitia ir sustentando a situação até receber novamente. Contudo, de repente, a novo diretor resolveu descontinuar no último pagamento, os débitos de julho e agosto. A finalidade da medida é obrigá-los a ingressarem no quadro social do tal centro, sujeitando-se ao pagamento de Cr\$ 30,00 e mais Cr\$ 2,00 por dependente, também mensais, a fim de ter direito de comprar no armazém ou na farmácia e poder solicitar pequenos empréstimos, sobre os quais incidirão juros de 0,5% a 2% os que não forem sócios do centro, não terão direito a tais empréstimos e nas compras feitas no armazém ou na farmácia, pagará uma taxa de 2% sobre os preços de venda de cada mercadoria. O diretor do Arsenal acredita que, esgotando o pagamento dos servidores e efetuando descontos inclusive sobre o salário-família (cobrável, por lei), poderá obrigá-los a que todos ingressem no quadro social da sua "caixa", sem o que não serão atingidos pelos benefícios, o que se resumem em comprar no Armazém Reembolsável pelo preço de venda e tirar vales para descontar em folha, com juros. Com essa atitude de flagrante desrespeito, aos direitos dos trabalhadores, o coronel contraria o artigo 161 da Lei 1711-52, a lei de consignações e as instruções para funcionamento dos Armazéns Reembolsáveis Regionais.

JULIÃO

Quem é Julião? Eis a pergunta que todos fazem. É um modesto advogado de vasta experiência no foro da capital e que foi eleito deputado pelo Partido Socialista, já pela segunda vez. E de origem feudal já que descende do Barão de Lucena. E talvez sua própria origem o tivesse tornado sensível à miséria dos camponeses. Socialista convicto, deixou sua banca de advocacia e suas propriedades para se dedicar exclusivamente à libertação dos camponeses nordestinos. Escritor de mão cheia, bom jornalista, poeta, trás na sua índole e completo caráter, toda a ch-

Recchia Tem Sido Muito Visitado

O apartamento 722 do Hospital dos Marítimos — Rua Leopoldo, 380, Grajaú — tem sido visitado por trabalhadores e por pessoas que, de um ou de outro modo, estão ligadas ao movimento operário no país. A razão disso está em que aí se encontra internado Antônio Recchia, devoto combatente das lutas sindicais, ex-vereador do município gaúcho Rio Grande. Aos domingos, terças e quintas, entre 13 e 15 horas — horário de visitas do hospital — grande é a alegria de Antônio Recchia que pode, assim, entrar em contacto direto com os trabalhadores e seus problemas. Segundo os médicos que atendem a Recchia, dentro de 10 ou 15 dias poderá ele ter alta do hospital, de onde regressará para sua terra natal.

DIREITO DE GREVE

REPÚDIO DA CNTI AO SUBSTITUTIVO JEFFERSON DE AGUIAR

Os dirigentes sindicais cariocas, reunidos no Conselho Regional Consultivo da CNTI, resolveram repudiar o substitutivo do senador Jefferson de Aguiar, apresentado ao projeto que regulamenta o direito de greve. Na mesma reunião, os líderes cariocas deliberaram apoiar o substitutivo apresentado pelo senador Atílio Vivanqua, na última quarta-feira em defesa do qual começaram a mobilizar suas forças. Embora haja algumas restrições ao substitutivo apresentado pelo senador Atílio Vivanqua, os líderes sindicais resolveram apoiá-lo, reservando-se o direito de apresentar, oportunamente, o seu pensamento sobre alguns itens do referido documento que assegura aos trabalhadores o direito de greve, ao contrário do apresentado pelo senador Jefferson de Aguiar que, a pretexto de regulamentar, proibe o uso constitucional desse direito.

5.000 Marítimos Em Defesa Da Indústria Da Construção Naval Preocupados com a orientação do Governo que beneficia empresas estrangeiras e abandona os estaleiros nacionais

Milhares de marítimos desta Capital concentraram-se, na tarde de terça-feira última, em frente ao Ministério da Viação, para solicitar do titular daquela pasta medidas de proteção à marinha mercante nacional. Um memorial, contendo mais de cinco mil assinaturas, foi entregue ao ministro Amaral Peixoto, expondo os motivos da preocupação dos marítimos e sugerindo medidas práticas para que o Brasil passe a construir os seus próprios navios. É o seguinte o texto do memorial:

«É do domínio público, mesmo porque inclusive as mensagens presidenciais ao Congresso Nacional o têm assinalado, que o Brasil depende anualmente cerca de duzentos milhões de dólares em fretes e seguros, pagos a empresas estrangeiras pelo transporte marítimo de suas importações e exportações. quase o correspondente ao déficit da balança comercial brasileira. O montante das despesas acima mencionadas e o ritmo de desenvolvimento crescente da economia nacional, particularmente da indústria, demonstram que existe em nosso país um mercado para a indústria de construção naval. O problema da indústria de construção naval no Brasil entrou em efervescência há algum tempo e os fatos indicam que o governo se preocupa com o assunto. Assim é que foram criados o GEICON e o Fundo de Marinha Mercante. Ainda agora submetete-se ao Congresso Nacional projeto de lei, isentando do pagamento de direitos alfândegários e do imposto de consumo os equipamentos que venham a ser importados para a produção de motores diesel marítimos, assim como as turbinas e eugrenagens redutoras de uso naval. Como resultado de medidas tomadas pelo governo, o GEICON recebeu no ano de 1958 projeto passado, trinta e dois projetos de instalações de indústrias de construção naval, no País, tendo aprovado alguns, entre os quais os das empresas estrangeiras Ishikawajima e Verolme. ESTADÍSTICAS OFICIAIS Os abaixo assinados constataam com inquietação que, entre os planos aprovados, não figura nenhum dos estaleiros oficiais, como sejam os da Ilha do Viana, Mocaguê e Ilha das Cobras, os quais reinem condições para serem adaptados à moderna indústria de construção naval, sendo o último dos estaleiros mencionados reconhecido como o maior da América do Sul. Por outro lado, até o momento não se sabe de qual medida tomada pelo GEICON que se destine à formação e adiestramento de engenheiros, técnicos e operários indispensáveis à construção naval. Recolham assim, os abaixo assinados, que a nossa futura indústria de construção naval resulte fiavel, em sua maior parte, ou mesmo em sua totalidade, em mãos de empresas estrangeiras, com pouco ou mesmo nenhum proveito para a economia nacional, podendo ainda acarretar futuros entraves à emancipação dessa economia. Isso sem falar no que a situação afeta à técnica e mão-de-obra nacionais, pois o desleixo pela sua preparação reforça a versão propagada de que pretende autorizar empresas estrangeiras a importar técnicos e operários dos seus respectivos países. V. Exa. já teve oportunidade de referir-se de público à

APÊLO DE DEPUTADOS BRASILEIROS

(Conclusão da 1ª página) — Nôiva Moreira — Evaldo Flores — Sônia Doria — Sylvio Braga — Djalmá Maranhão — Nelson Omegaia — Helder Cavalcanti — Miguel Bahury — Nestor Duarte — Bagueira Lima — Clóvis Motta — Jandhy Carneiro — Jorge de Lima — Revende Monteiro — Armand do Storm — Lício Hauser — Antônio Carlos — Batista Ramos — Waldir Simões — Jayme Araújo e outros.



TRABALHADORES FLUMINENSES, PREVIDÊNCIA E GREVE

Milhares de trabalhadores lotaram completamente as dependências do Cine Avenida, no município de Volta Redonda, onde se realizou a assembléia monstro (foto) para aprovação do Projeto de Lei Orgânica da Previdência Social, da regulamentação do direito de greve, e do projeto do deputado Bocayiva Cunha, que manda pagar férias e indenização aos trabalhadores dispensados e que não tenham ainda um ano de casa. A assembléia se realizou no último domingo e foi promovida por vários Sindicatos entre os quais os dos Metalúrgicos, Bancários, Construção Civil, e Associação dos Comerciantes. A assembléia contou com a presença do presidente da CNTI, sr. Decleclano de Hollanda Cavalcanti; do presidente da Delegacia da CNTI no Estado do Rio, sr. Daniel Soares; e de dirigentes sindicais do Distrito Federal, Teresópolis, Niterói, São Gonçalo e Barra Mansa. O ato contou ainda com a participação de deputados estaduais e de vereadores, tendo sido aprovada no seu encerramento, a realização de um comício no próximo dia 4 em Volta Redonda, e o envio de um protesto ao governador Roberto Silveira, pelo fato de continuarem impunes os policiais que espancaram os trabalhadores fluminenses quando os mesmos regressavam do comício realizado no Dia da Pátria.

TAMBÉM NO ESPÍRITO SANTO

Energia Elétrica é o Ponto De Estrangulamento

Necessária a construção de novas usinas para que aquele Estado possa progredir - A grandeza e o drama do café - Minas e Espírito Santo, dois Estados e um só destino - Características da sucessão presidencial - O governador Carlos Lindenberg discorre sobre os principais problemas capixabas

Entrevista concedida a Roberto MORENA



o governador Carlos Lindenberg em companhia do sr. Bias Fortes, quando da visita deste a Vitória

As Verbas da SERPHA Não Sobem e Morre

Ne fese final o I Congresso dos Trabalhadores Favelados - Fundada a Federação - Principal problema: assegurar a posse dos barracos

Chegou à fase final o I Congresso dos Trabalhadores Favelados. Na sede do União dos Trabalhadores Favelados no morro do Borel, nossa reportagem obteve várias informações, através de associados e diretores, especialmente do sr. Manoel Gomes, sobre os resultados do importante conclave.

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES FAVELADOS

O Congresso contava em seu programa com a participação de 16 favelas, mas foi tal o interesse despertado que continuou, aos sábados e domingos, reuniões em várias outras. Os favelados, que antes lutavam separadamente em face de necessidades imediatas com a realização do Congresso resolveram somar suas forças e brevemente estarão instalando, em solenidade pública, a Federação dos Trabalhadores Favelados do Rio de Janeiro e empossando os seus diretores, eleitos no decorrer do Congresso.

A Federação, segundo nos explicou o sr. Manoel Gomes, tem, particularmente, o objetivo de, unindo os favelados, arrancá-los da dependência dos polítroneiros municipais e de seus prepostos, que retinham as favelas entre si, transformando-as em verdadeiros grilos eleitorais. Tudo o que é concedido aos favelados — uma bica, iluminação, a remoção de uma pedra — é considerado um favor, pelo qual exigem que os mesmos fiquem eternamente agradecidos. A Federação, com um programa de trabalho que corresponde aos justos anseios da população das favelas e contando com a participação de todos na execução desse programa através das associações ou comissões locais, impedirá que isso aconteça.

DESAPROPRIAÇÃO DAS FAVELAS

Durante o Congresso o problema mais discutido foi o de ser assegurada a posse dos barracos. E a solução mais justa encontrada foi a da desapropriação dos terrenos por parte da Prefeitura que, diversas vezes, se comprometeu nesse sentido. A maioria dos favelados concorda até em pagar os terrenos a prestação. E só assim estaria encaminhada não apenas a solução para o problema de moradia de milhares de pessoas, também o da urbanização que todos estão dispostos a fazer às suas próprias custas ou das organizações existentes. Ninguém vai se esforçar por melhorar um barraco ou o arruamento onde ele está, se amanhã poderá ser desalojado, como acontece, agora, na favela da Cachoeira (Estrada das Furnas), ameaçada de despejo. Ou como na favela de D. Francisca (Cabuçu), cujo dono, sr. Fabio Kelly de Carvalho, está loteando e vendendo todo o terreno da favela que, segundo consta, ele comprou quando já existiam os barracos.

NEM SERPHA NEM CRUZADA

A uma pergunta sobre o plano de urbanização das favelas, que foi tão divulgado

pela SERPHA, responderam-nos:

— A SERPHA é um escaudouro de verbas, muito, embora essas verbas nunca tenham subido ao morro.

Também, conforme nos informaram, a Cruzada tem vivido de promessas e só comparece às favelas através de intermediários que têm interesse de aproveitar-se dos favelados. Agora mesmo, corre um memorial em todas as favelas do Distrito Federal contra o sr. Arnaldo Reis, da SERPHA, que não toma providências contra tal situação. Em Parada de Lucas, por exemplo, pessoas de uma e outra organização, fazem reuniões a portas fechadas, sem a menor participação dos favelados. Não se conformam, também, com o atêrro que a Cruzada está construindo na Avenida Brasil na direção de Braz de Pina, o que corresponderá, em pouco tempo, ao soterramento das casas. No sentido de impedir isso e de transferir os barracos da parte baixa para o alto do atêrro, está se movimentando o Centro de Melhoramentos do Parque Proletário de Braz de Pina.

PLANOS DOS TRABALHADORES

A União dos Trabalhadores Favelados, que funciona no Borel, tem grandes planos que não dizem respeito apenas à desapropriação das terras faveladas e sua revenda aos moradores. São planos, também, para humanizar a vida nas favelas: escolas, teatros e outros meios para educar e alegrar milhares de famílias. Não esperam nenhum benefício especial da Prefeitura, nem desejam favores de cabos eleitorais, mas pedem a ajuda de homens e mulheres de boa-vontade, que compreendam, realmente, que os favelados também têm direito a viver pelo menos com um mínimo de conforto.



A Prefeitura do Distrito Federal resolve com muita «comodidade» o problema das favelas: manda derrubar os barracos e deixa ao relento velhos e crianças, como, aconteceu recentemente na Favela da Cachoeira (Furnas)

Como em todo o país, também no Espírito Santo o problema do desenvolvimento industrial está pôsto na ordem do dia. E também a semelhança de outros Estados, é a energia elétrica — ou sua escassez — o ponto de estrangulamento a superar para a renovação econômica. Estas observações foram feitas em palestra que conosco manteve o governador Carlos Lindenberg, em seu gabinete de trabalho, durante a qual abordou as mais importantes questões do pequeno e rico Estado brasileiro e, por fim, deu algumas impressões sobre o problema sussorário.

CRISE DE ENERGIA ELÉTRICA

A respeito deste problema, o governador Lindenberg, que se achava, quando da entrevista, acompanhado pelo seu filho, o advogado Carlos Lindenberg, antigo militante do movimento universitário carioca, prestou-nos os seguintes esclarecimentos: — Em meio aos fatores essenciais ao êxito de um plano de atração de capitais a serem aplicados preferentemente no setor industrial, destaca-se a energia elétrica cujo potencial, além da cobertura a demanda existente e em expansão, é mister que atenda a procura das indústrias novas e em desenvolvimento.

O Espírito Santo, na atualidade, apresenta acentuado déficit em seu potencial energético. Mesmo com a construção de Rio Bonito, que no próximo mês deverá entrar em operação, em 1962 o déficit previsto é de KW 8640 — mantidas as atuais unidades térmicas instaladas em todo Estado.

Entretanto, caso sejam retiradas da operação as térmicas existentes, o referido déficit em 1962 se elevava a 15.640 KW.

Nestas condições, é preocupação do Governo do Estado a construção da já projetada Usina da Sulça. E se ainda não iniciamos suas obras é por falta absoluta de recursos.

Posso asseverar, entretanto, que a par da liberação, no orçamento federal, de 58 milhões de cruzeiros tomados desenvolvidos gestões no sentido não só de obter o financiamento do B. N. D. E. como também de outros recursos para a realização desta obra que representa a própria sobrevivência da economia do Espírito Santo.

A Sulça virá acrescer o potencial energético espiritosantense de 60.000 KW, e representa, sozinha, mais do dobro do potencial instalado em todo o Estado.

A sua construção está projetada para duas etapas de 30.000 KW cada sendo que a primeira etapa, a inaugurar-se em 1962, compreenderá duas unidades geradoras de 15.000 KW. Assim, esta obra atenderá não só à demanda existente em face das novas grandes indústrias, como assegurará disponibilidade suficiente e decisiva na

atração de novos investimentos e iniciativas"

CHAVE PARA O DESENVOLVIMENTO

"A indústria náutica, suas subsidiárias, a de fertilizantes, exploração de grafite, manganês, calcário, etc., constantemente têm procurado contato com o Governo do Estado, visando, entre outras coisas, a inquirir sobre a disponibilidade de potência geradora.

Por outro lado, o desenvolvimento econômico do Estado, quer em nosso período de governo, quer no subsequente, está umbelicamente vinculada à construção da Usina da Sulça, sem a qual estaremos proporcionando graves prejuízos à comunidade espiritosantense e obstando o próprio progresso nacional.

A programação econômica, privada e pública, estimada até 1962, em cerca de 3 bilhões de cruzeiros, terá como condição básica a construção da Sulça.

As disponibilidades de energia que pretendemos oferecer, prossequindo no programa de eletrificação do Estado, constituem segura garantia de a ele convergirem poderosos interesses e promissoras iniciativas.

Justifica-se, assim, o pensamento do Governo e seu desmedido esforço em dar início imediato à construção da Usina da Sulça."

CAFÉ — COLUNA MESTRA

Sempre assessorado por seu filho, o governador Carlos Lindenberg fez uma longa e fundamentada exposição sobre o problema do café no Espírito Santo, quando este tema veio à baila, no curso da entrevista. Disse-nos:

— A economia do Estado tem o café como coluna mestra de sua sustentação.

O produto é cultivado em todos os municípios, representando, em 1959, 64% de toda a produção agrícola do Estado, estimada em seis bilhões e duzentos milhões de cruzeiros.

Segundo o último censo nacional, de um total de 202.654 pessoas que em 1960 se dedicavam às atividades agrícolas, 128.076 cuidavam da lavoura cafeeira, representando 63,2% do total.

O imposto de vendas e consignações e a taxa de defesa do café foram estimados para o exercício de 1959, em Cr\$ 877.814.000,00 (oitocentos e setenta e sete milhões, oitocentos e quatorze mil cruzeiros). Dêse total, quinhentos e cinquenta e sete milhões oitocentos e quatorze mil cruzeiros, ou sejam 64%,

representavam a contribuição do café.

Na exportação geral do Estado, em 1958, excluído o minério de ferro procedente do Estado de Minas Gerais, o café contribuiu com três bilhões, seiscentos e três milhões de cruzeiros, num total de cinco bilhões, seiscentos e dois milhões de cruzeiros, o que corresponde a 67%.

Dessa forma, as crises que periodicamente atingem a cafeicultura brasileira se refletem mais intensamente sobre a economia capixaba do que sobre a de qualquer outro Estado produtor da rubiácea.

BAIXA PRODUTIVIDADE

"Os métodos de cultivo de café são, entretanto, os mais rudimentares, de um modo geral, disso resultando ser antieconômico a cafeicultura capixaba, atualmente, em virtude da elevação do custo da mão-de-obra.

Segundo dados estatísticos da Bolsa Oficial de Mercadorias, a classificação dos cafés da safra 1957/1958 demonstra que nada menos de 76% da produção era constituída de cafés de tipos 7 e abaixo o que demonstra a predominância absoluta de cafés de inferior qualidade, atestando, portanto, o modo empírico de produção.

Os rendimentos unitários, tanto por área de colheita, como por árvore em produção, são os mais baixos, do que resultam graves prejuízos para os cafeicultores que, se adotassem métodos racionais de cultivo e preparo do produto, poderiam alcançar maior rendimento para seu trabalho. O rendimento médio do Estado, por árvore frutificando, tem oscilado em torno de 350 a 400 quilogramas por 1000 árvores, no período 1953-1958, o que corresponde à média de 23 a 27 arrobas por 1000 pés em produção. Por hectare, o rendimento médio foi de 28 arrobas em 1953 e de 32 em 1958.

Segundo dados de estimativa da safra cafeeira do Espírito Santo, feitas pelo I. B. C., a safra para 1959/1960 é inferior à safra de 1943/1944. Verifica-se, assim, que o Espírito Santo não tem qualquer responsabilidade pelo excesso da produção que hoje aflige o País. Não obstante, compartilha dos mesmos sacrifícios impostos às

demais Unidades da Federação produtoras de café, cuja produção, nos dois Estados maiores produtores, dobrou de volume nos últimos 20 anos."

RETENÇÃO PROPORCIONAL

"Neste particular, o Espírito Santo defende a tese que lhe parece mais equânime, ou seja, a da retenção proporcional. Aliás, esta é a política preconizada pelo Brasil junto aos países produtores da rubiácea, política consagrada nos convênios internacionais.

Nestas circunstâncias, cumpre-nos como Governador do Estado do Espírito Santo, cujos problemas estão perfeitamente equacionados, ao lado de pugnar pela racionalização da agricultura, diversificar suas culturas, bem como estimular uma melhoria de tipo de café. Por outro lado, criar riquezas que possibilitem o desenvolvimento econômico do Estado, caminhando para a industrialização. A nossa preocupação é, sobretudo, a de alimentar o homem, antes de alimentar a máquina."

MINAS E ESPÍRITO SANTO

Como tivesse vindo à tona, na entrevista, a recente visita do governador Bias Fortes, de Minas Gerais, ao Espírito Santo, o sr. Carlos Lindenberg declarou-nos:

— Honrou-nos o Governador Bias Fortes com sua visita ao Espírito Santo que, a par de constituir fator preponderante no entrelaçamento de capixabas e mineiros, ofereceu-nos auspícios oportunos de apreciar, juntos, problemas comuns aos dois Estados irmãos.

Não mais podemos conceber, na atualidade, qualquer estudo, por exemplo, sobre o desenvolvimento econômico do Vale do Rio Doce, sem que esteja presente a palavra de Minas Gerais e do Espírito Santo. Os seus problemas se integram de tal modo que as fronteiras geográficas cedem lugar ao planejamento comum, imposto pela identidade de toda uma região. Coetear da exploração de minério, falar em empreendimentos dinâmicos da natureza de uma Usiminas, de uma Acesita, sem se promover

necessária atualização das técnicas e das possibilidades do pórtio de Vitória, é asfiliar a indústria pesada, que surge nas cabeceiras do Rio Doce, há de se prolongar pelo Espírito Santo afora.

Dêste modo, palpita em meu coração, se promover o progresso do escaudouro de Vitória, a idéia de estar possibilitando o desenvolvimento de Minas Gerais, trabalhando pelo engrandecimento do Brasil. E estou certo de que, da mesma forma, o empenhoso amigo Governador Bias Fortes, no impulso que tem promovido no Vale do Rio Doce, está oferecendo uma colaboração de vulto, aos esforços dos capixabas, em favor da emancipação econômica do Espírito Santo.

O prolongamento da Estrada de Ferro Vitória a Minas até Belo Horizonte, a necessidade de serem concluídas as obras da BR-31, constituem, para não falar de inúmeros outros, interesses que, juntos, Minas e Espírito Santo reivindicarão mas decisivamente do Governo Federal."

SABRE A CAMPANHA SUCESSÓRIA

Concluindo suas declarações a NOVOS RUMOS, o governador Carlos Lindenberg teve a seguinte manifestação relativamente à campanha sucessória:

— A sucessão presidencial que ora se avizinha e tem interessado vivamente os mais vastos setores da opinião pública, assume características originais, fruto talvez de um processo de politização experimentada pela nossa gente que acompanhou o ritmo de progresso imbrido ao país. A prova está em que, além de já existirmos, há mais de meio ano, da sucessão presidencial, não é incomum, sendo mesmo fato banal, acaloradas discussões no seio do próprio povo, em torno do problema. E estamos a mais de ano da eleição. Entretanto, todos acompanham e vivem os acontecimentos políticos, medindo as opiniões e orientando-se na escolha de seus candidatos. Daí entendemos que o embate de 3 de outubro de 1960 será como uma disputa sobre todos os aspectos democráticos, dela devendo sair-se vencedor aquele que fizer sentir ao povo, nos partidos políticos e, enfim, à Nação, a firmeza de suas idéias, a retidão de seu caráter e a sinceridade em suas convicções. Identificando-se, assim, com o mais ilustre sentimento brasileiro.

O sistema de promessas demagógicas a milhares está condenado pelo povo. Ao que o eleitor aspira é a seriedade de convicções, à ordem administrativa, econômica e financeira para poder melhor viver."

CARTA DO SERTÃO

ZÉ PRAXÉDI — O Poeta Vaqueiro

Cumpade Mané Nastaço:
Arricibi tua carta
E já tô arrispondo
Para num caí im farta.

Se lá no mundo da Lua
Tivé um povo filiz,
A gente vai precurrá
Renová nossa raiz.

De todas as nuvidade
Qui tu mandasse contá,
U'a assombró nossa gente:
Foi a macha dos vivente
No segrêdo do luá.

Zé da Porva diz qui faz
Um fuguete de premera.
A porva tem qui se crúa
Para trevessá a Lua
De barrêra pra barrêra.

Os fuguete mericano
Dispara ante de subi.
Os fuguete de lá
Num sabem mais coma agi,
Precisa a gente mandá
Um foguete d'aqui.

Precisa também o crima
Sê munto fri no práneta
O fuguete deve té
Duas cumprida rosêta
Pra inganchá nas montanh,
No fofado das lunêta.

Se mandare lá da Merca
O dinhêro da passage,
O Zé da Porva é capaz
De fazê essa viaje.
Ele disse pra Libano:
— No fuguete mericano
Só tá fartando imbalage.

Pode indagá pur ai
A sirvintia do rapaz.
No trabai de fuguete
Ninguê o passa pá traz
E se arguê duvidá
Ele pode ispicá
De quár manêra se faz.

O Zé da Porva é parente
De Pedinho Guabiru
Qui faz relojo de curso
Cum miolo de bambu.

Sem mais nada pru momento
Lembrança pra Mariquinha.
José Venança da Sirva:
Qué chamado: Zé Fominha.



↑
**OBSERVADO
EM
KARKOV**

O Lunik II foi seguido em seu vô pelos mais importantes observatórios do mundo, desde que os soviéticos anunciaram o seu lançamento até a chegada do foguete à Lua. O Observatório de Karkov, na Ucrânia, um dos mais potentes, acompanhou o maravilhoso feito dos cientistas e engenheiros soviéticos. A foto (TASS) mostra Barabáchov, membro da Academia de Ciências da URSS, e I. Koval, colaborador científico, examinando um negativo das fotos obtidas do foguete durante o vô pelos espaços cósmicos.



EXPECTATIVA

O lançamento do Lunik nº 2 causou sensação entre os habitantes de Moscou. As primeiras notícias da partida do foguete levou os moscovitas ao Planetário e a outros lugares onde pudessem acompanhar o vô do foguete lunar. A foto mostra um grupo de moscovitas discutindo as notícias do lançamento do Lunik II.



↑
**A NUVEM
DE SÓDIO**

Uma das experiências mais interessantes realizadas durante o lançamento do Lunik II foi a nuvem de sódio lançada pelo foguete quando se encontrava à fabulosa altura de aproximadamente 130 mil quilômetros: verdadeiro cometa artificial que foi fotografado da Terra pelos soviéticos. A foto (TASS) mostra o professor Kukárkin, um dos cientistas soviéticos do ramo dos foguetes interplanetários, mostrando as fotos obtidas do clarão luminoso provocado pela explosão de sódio. A foto foi feita pelos trabalhadores científicos do Instituto de Astrofísica da República Soviética da Caçaquistão, em Alma Ata.

↑
**FALAM OS
CIENTISTAS**

O cientista soviético Alexandre Tóptchiev é um dos fabricantes do foguete interplanetário que atingiu a Lua. Aqui vêmo-lo falando durante uma entrevista coletiva à imprensa em Moscou, realizada logo depois do foguete chegar à Lua. A entrevista teve lugar no local da presidência da Academia de Ciências da URSS. (Foto TASS).

**O ACADEMICO
SEDOV**

O sábio soviético L. I. Sedov é um dos mais em evidência na questão do lançamento dos foguetes interplanetários. Aqui vemos o famoso cientista durante uma entrevista coletiva à imprensa sobre o Lunik II na Academia de Ciências da URSS. Ao lado de Sedov: à esquerda o cientista soviético professor Kukárkin e à direita Tóptchiev, membro da Academia de Ciências, especialistas também em foguetes cósmicos. (Foto TASS).

